

ídolos



OLHARES MILENARES
O ESTADO DA ARTE EM PORTUGAL



ORGANIZAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia, Direção-Geral do Património Cultural (MNA/DGPC)
Diputación Provincial de Alicante. Área de Cultura
Fundación C.V. MARQ
MARQ_Museu Arqueológico Provincial de Alicante
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid (MAR)

MECENAS

Ferrovial Serviços, S. A.
Fundação Millennium BCP
El Corte Inglés
Pastéis de Belém
Vila Galé — Hotéis Vila Galé

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA,
DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO
CULTURAL
(MNA/DGPC)

DIRETOR-GERAL DO PATRIMÓNIO
CULTURAL

Bernardo Alabaça

DIRETOR DO MUSEU NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA

António Carvalho

FUNDACIÓN C.V. MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO PROVINCIAL DE ALICANTE

DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDACIÓN C.V.
MARQ

Josep Albert Cortés i Garrido

DIRETOR DO MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE

Manuel H. Olcina Domènech

DIRETOR DE EXPOSIÇÕES DA
FUNDACIÓN C.V. MARQ

Jorge A. Soler Díaz

CHEFE DA UNIDADE DE COLEÇÕES
E ESCAVAÇÕES DO MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE

Rafael Azuar Ruiz

ARQUITETO COLABORADOR DA
FUNDACIÓN C.V. MARQ

Rafael Pérez Jiménez

SECRETÁRIO DA FUNDACIÓN C.V. MARQ

Francisco Ibanco Llorca

DEPARTAMENTOS TÉCNICOS

Unidade de Exposições e Divulgação

Unidade de Coleções e Escavações

Unidade Administrativa e Económica

Unidade de Didática, Acessibilidade e

Responsabilidade Social

MUSEO ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE LA
COMUNIDAD DE MADRID (MAR)

DIRETOR

Enrique Baquedano

CHEFE DO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO E
INVESTIGAÇÃO

Elena Carrión Santafé

CHEFE DO SERVIÇO DE EXPOSIÇÕES

María Carrillo Tundidor

CHEFE DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E
COMUNICAÇÃO

Luis Palop Fernández

CHEFE DO SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO

José María Pérez Mármol

EXPOSIÇÃO — PRODUÇÃO

COMISSÁRIOS CIENTÍFICOS

Primitiva Bueno Ramírez

Jorge A. Soler Díaz

PROJETO EXPOSITIVO

Rocamora Diseño y Arquitectura

DESENHO GRÁFICO

Luis Sanz

COORDENAÇÃO TÉCNICA
FUNDACIÓN C.V. MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE

María Teresa Ximénez de Embún Sánchez

COORDENAÇÃO TÉCNICA
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Patrícia Batista

Raquel Lázaro

TRANSPORTE DE BENS CULTURAIS

Feirexpo, S. A.

SEGURADORA

Lusitania Seguros, S. A. — Mecenas Institucional
da Direção-Geral do Património Cultural

ASSISTÊNCIA NA MONTAGEM

ANTRA Gestión Integral S.L

J. C. Sampaio, L.^{da}

Feirexpo, S. A.

APOIO TÉCNICO FUNDACIÓN C.V. MARQ

Ricardo Valer Gosálbez

APOIO TÉCNICO

Ana Margarida Gata Simão (MNA/DGPC)

Carlos Diniz (MNA/DGPC)

Carlos Morgado (MNA/DGPC)

Mário Antas (MNA/DGPC)

João Pedro Silva (MNA/DGPC)

João Nuno Reis (Divisão de Arquivo Inventariação
e Bibliotecas/Departamento de Bens Culturais/
DGPC)

Luis Antunes (MNA/DGPC)

Luísa Guerreiro (MNA/DGPC)

Paulo Alves (MNA/DGPC)

Salvador Batista (MNA/DGPC)

William Pimenta (MNA/DGPC)

TRADUÇÃO DE TEXTOS

Inpokulis Traduções

REVISÃO DE TEXTOS

Ana Caessa (MNA/DGPC)

Elena Morán

PLANO DE COMUNICAÇÃO

Divisão de Comunicação e Informática (DGPC)

Helena Martelo, António José Soares Cruz

FOTOGRAFIAS

Arquivo de Documentação Fotográfica da
Direção-Geral do Património Cultural (ADF/
DGPC) — José Paulo Ruas, José Pessoa, José Rúbio,
MNA/DGPC, António Ventura, Margarida Santos,
Paulo Alves, Rita Matos, Daniel Oliveira, António

Capa

Ídolo-placa oculado com representações de
antropomórficos tritriangulares. Mértola (Beja).

Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.

Ídolo antropomórfico. Perdigões, Reguengos de

Monsaraz (Évora). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.

Contracapa

Ídolo ancoriforme. Cova de la Barcelleta, La Torre de les

Maçanes (Alicante). Foto © M. A. Cabrera.

Faustino Carvalho, Rui Luís, AESDA, Arqueohoje, Palimpsesto, Luís Bravo Pereira, Maria de Jesus Sanches, Joana C. Teixeira, Maria Helena Barbosa, João A. Perpétuo, VN3000, Mário Novais, Monteiro-Rodrigues, Marco Andrade, J. L. Cardoso, Era Arqueologia, R. Parreira, R. Soares, V. S. Gonçalves, António Valera, M. A. Blanco, R. de Balbín Behrmann, M. A. Cabrera, J. Coca, M. Díaz-Guardamino, N. Fakoorzadeh, A. Fernández, L. Lammerhuber, L. Larsen, A. Martínez Levas, C. Martín, M. A. Marín, D. Oliveira, I. Palaguta, P. Quesada, J. Quinlan, A. Ramos, M. Reina, E. Starkova, V. Schulmeister, F. Velasco, S. Vicente, M. Torquemada, Conjunto Arqueológico Dólmenes de Antequera, National Museum of Denmark e Paisajes Españoles, M. Soria, M. Sanchez, Salvador Delgado Aguilar, José Manuel Sala, Museo de Bellas Artes de Castellón, Museo de Prehistoria de Valencia, Museo de Málaga, Juan Pedro Bellón, Museo de Alcoy, Museo de Almería, Eva Rocamora, Susana Vicente Galende, Eloísa Wattenberg, Josep Lluís Pascual, Francisco Blasco, Teresa Ximénez de Embún

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Margarida Santos (MNA/DGPC)
Rita Matos (MNA/DGPC)

AUDIOVISUAIS

Gustavo Vilchez
Rocamora Diseño y Arquitectura

ILUSTRAÇÕES

Miranda Dreams

ENTIDADES EMPRESTADORAS PORTUGUESAS

Associação dos Arqueólogos Portugueses/Museu Arqueológico do Carmo
Associação dos Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Câmara Municipal de Cascais/Museu da Vila
Câmara Municipal de Portimão/Museu de Portimão
Câmara Municipal de Torres Vedras/Museu Municipal Leonel Trindade
Direção Regional de Cultura — Alentejo
ERA — Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica
Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG)/Museu Geológico
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa
UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ENTIDADES EMPRESTADORAS ESPANHOLAS

Museo Arqueológico Nacional
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid
Museo de Málaga
Museo de Huelva
Museo de Jaén
Museo de La Carolina
Museo de Almería
Museo Arqueológico y Etnológico de Córdoba
Museo Arqueológico Provincial de Badajoz

José Iñesta (particular)
Museo de Gavà
Museo de Valladolid
MARQ Museo Arqueológico de Alicante
Museo «Camil Visedo Moltó» de Alcoy
Museo de Prehistoria de Valencia
Museo de Bellas Artes de Castellón
Museo Arqueológico Municipal de Lorca

AGRADECIMENTOS

Ana Isabel Palma Santos, Associação dos Arqueólogos Portugueses — Museu do Carmo (José Morais Arnaud, Célia Pereira, César Neves), Câmara Municipal de Alter do Chão (Francisco António Martins dos Reis), Câmara Municipal de Cascais (Carlos Carreiras, João Miguel Henriques, Susana Pombal), Câmara Municipal de Mora (Luís Simão), Câmara Municipal de Portimão (Isilda Gomes, Isabel Soares, António Pereira), Câmara Municipal de Torres Vedras (Carlos Manuel Antunes Bernardes, Isabel Luna, Francisca Ramos, Rui Silva) Companhia das Lezírias (António João Coelho de Sousa), Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (Susana Pombo), DGPC (Paula Mateus Azevedo, Susana Martins, Paula Figueiredo, José António Gonçalves), Direção Regional de Cultura-Alentejo (Ana Paula Amendoeira, Rafael Alfenim), ERA — Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica (António Valera) Ferrovia S. A. (Tiago Borges, Carlos Marinho, Maria Grego), Fundação Millennium BCP (Embaixador António Monteiro, Fátima Dias), El Corte Inglés (Enrique Hidalgo Miralles), Imprensa Nacional (Duarte Azinheira), Lusitania Seguros, S. A. (Catarina Major, Tiago Serra), Câmara Municipal de Loulé (Vitor Aleixo, Dália Paulo, Ana Rosa Sousa), Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Joaquina Soares, Ana Férias), Museu Geológico — LNEG (Miguel Magalhães Ramalho, Rúben Dias, José Anacleto), Nuno Quelhas, Pastéis de Belém (Miguel Clarinha), Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa (Marta C. Lourenço, Liliana Póvoas), UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Mariana Diniz), Vila Galé — Hotéis (Jorge Rebelo Almeida, Gonçalo Rebelo Almeida), Julia Elena Aguilera Collado, José María García Rincón, María Dolores Baena Alcántara, Vicente Barba Colmenero, Juan P. Bellón Ruiz, Núria Benavent Bataller, Fereidoun Biglari, Josep Bosch Argilagos, Carmen Cacho Quesada, Andrés Carretero Pérez, Filipa Díaz Fernández, María Jesús de Pedro Michó, Alexandra Encarnação, Juan Javier Enriquez Navascués, Inmaculada Escobar García, Carlos Ferrer García, Enric Flors Ureña, Eduardo Galán Domingo, Carlos García Sánchez, José María García Rincón, Beatriz Gavilán Ceballos, María Soledad Gil de los Reyes, Francisca Hornos Mata, Ian Hodder, Ángela Jiménez Belda, Anton Kern, Guillermo Kurtz Schaefer, Rosario León Marín, Encarnación Maldonado Maldonado, Concepción Martín Morales, Julián Martínez García, Andrés Martínez Novillo, Alba Martínez Pérez, Andrés Martínez Rodríguez, Luis Pablo Martínez Sanmartín, María Ascensión Morente del Monte, María Jesús Moreno-Garrido, Raúl Moya Vidal, Luis Enrique Miquel Santed, Ferrán Olucha Montins, Arturo Oliver Foix, José Á. Palomares Samper, Diómedes Parra Rodríguez,

Peter Pentz, María Isabel Pérez Bernáldez, Pablo Quesada Sanz, Miguel Ramalho, Manuel Ramos Lizana, Pedro Ramos Miguel, Bartolomé Ruiz González, Concepción San Martín Montilla, Jose María Segura Martí, Thomas Schuhmacher, Andrés Silva Cordero, Ana C. Sousa, Juan Manuel Vargas Jiménez y Eloísa Wattenberg García, Luis Palop Fernández, Juan Antonio López Padilla

CATÁLOGO

COORDENADORES CIENTÍFICOS

Primitiva Bueno Ramírez
Jorge A. Soler Díaz

TEXTOS DE COLABORAÇÃO

Ángel Rocamora Ruiz, Ana Catarina Sousa, Andrea Martins, António Carlos Valera, António Faustino Carvalho, Catarina Costeira, César Neves, Elena Morán, Joana Castro Teixeira, João André Perpétuo, João Luís Cardoso, Jorge A. Soler Díaz, Jorge Oliveira, José Arnaud, Leonor Rocha, Marco António Andrade, Maria Helena Barbosa, Maria de Jesus Sanches, Mariana Diniz, Primitiva Bueno Ramírez, Rui Mataloto, Rui Parreira, Victor S. Gonçalves

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

António Carvalho
Livia Cristina Coito
Maria José Gossinho (IN)

PARCEIRO EDITORIAL

Imprensa Nacional (IN)

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM)

DESENHO E MAQUETAGEM

Luis Sanz

REVISÃO DE TEXTOS

Sofia Roborg-Sondergaard (GoodSpell)
Livia Cristina Coito

DEPÓSITO LEGAL

485 656/21

ISBN

978-972-27-2941-3 (INCM)
978-972-776-587-4 (DGPC)

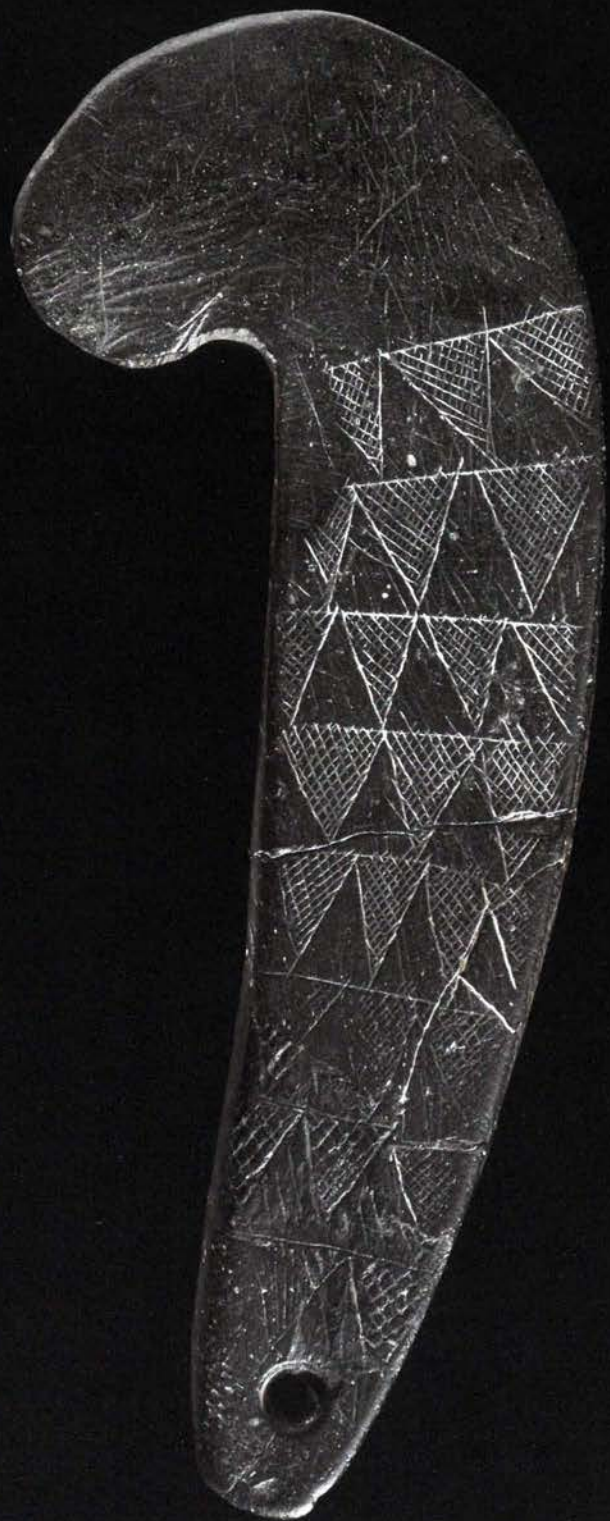
EDIÇÃO N.º 1024787

Impresso em outubro de 2021

Todos os direitos reservados ao abrigo do código dos direitos de autor e direitos conexos

Nota:

Os nomes de pessoas, as designações de instituições e os topónimos apresentam-se nesta edição na língua original



Os «báculos» das sociedades agropastoris do Sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a. C.)

JOÃO LUÍS CARDOSO

1. PRELIMINARES: CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA, INTERPRETAÇÃO FUNCIONAL E INTEGRAÇÃO CRONO-CULTURAL

Pretende-se que este contributo seja útil ao melhor conhecimento e caracterização dos chamados «báculos», peças da arte móvel do final do Neolítico, com equivalentes nas gravuras e pinturas da arte megalítica e parietal coevas do Ocidente peninsular.

Apesar das diferenças interpretativas que, ao longo dos últimos 140 anos têm surgido a seu respeito, é usual utilizar a designação de «báculo» entre aspas, para evitar compromisso com qualquer artefacto contemporâneo com o mesmo nome, tendo presente a sua semelhança formal com os báculos episcopais ou os seus equivalentes populares, os cajados dos pastores que persistiram até à atualidade. Assim, esta designação aplica-se tanto às peças produzidas em pedra ou matéria-orgânica (osso, marfim), como às suas representações rupestres, gravadas ou pintadas, ou ainda às representações plásticas que alguns recipientes recolhidos em dólmens do Alto Alentejo ostentam. Em todas elas é possível isolar três partes essenciais:

- O punho, correspondente à extremidade proximal, que se prolonga insensivelmente pelo corpo, ou cabo da peça, correspondendo frequentemente a espaço desprovido de decoração;
- O cabo, mais ou menos curvo, esbelto e alongado, com bordos convexos ou retilíneos, podendo ter uma extremidade proximal (o punho) progressiva ou abruptamente estreitada; a presença de remate proximal observa-se em apenas um «báculo», encontrando-se, igualmente de forma excepcional em algumas representações rupestres, como a identificada no menir 57 do cromeleque dos Almendres (Évora) (Gomes, 2003, fig. 174);
- Uma extremidade distal em geral acentuadamente convexa e fortemente recurvada (a cabeça do «báculo»), terminando por bordo mais ou menos oblíquo relativamente ao eixo longitudinal de cada peça.

Enquanto nas peças móveis — aquelas a que este contributo diz particular respeito — é possível identificar assinalável variedade e riqueza de elementos decorativos, nas suas representações gravadas ou pintadas tais pormenores não se encontram obviamente presentes, visto serem representações lineares, gravadas ou pintadas.

No tocante ao seu significado, as opiniões são em geral vagas, limitando-se os autores a assinalarem simplesmente o seu carácter simbólico, relacionando-os com «símbolos de poder» ou símbolos «de prestígio» das comunidades agropastoris em processo de rápido desenvolvimento e diferenciação social, no Neolítico final, no decurso do último quartel do 4.º milénio a. C., no território a sul do Tejo.

Ainda recentemente, associou-se a ocorrência de um báculo na Anta 2 da Loba a um chefe que ali teria sido sepultado (Gonçalves et al., 2005, p. 29), e idêntica interpretação foi apresentada a propósito dos quatro báculos encontrados no depósito de Monte da Barca (Coruche) (Gonçalves, 2011), previamente publicados (Vicente et al., 1974).

Na verdade, a qualidade da discussão do significado destes objetos parece ter-se esvaziado progressivamente de conteúdo, desde as sábias palavras de Estácio da Veiga a propósito do primeiro «báculo» identificado como tal, recolhido em sepultura de Martim Afonso, sobre o qual declarou «não saber o que foi nem para o que serviu» (Veiga, 1887, p. 431)... embora o próprio tenha adiantado, e muito bem, «a mui temeraria hypothese de que as placas d'esta forma representem a symbologia de um culto local em todo o tracto geográfico da sua aparição» (op. cit., p. 439).

É também de assinalar a relação que Estácio da Veiga faz desta peça com um culto «consagrado ao symbolo gerador da vida», atendendo à semelhança do seu contorno com um *phallus*. Se esta correlação, presentemente, é de rejeitar, já a sua associação a um culto da vida e da regeneração parece conformar-se com o carácter votivo e funerário destas peças. Atente-se, para o efeito, à representação solar da rocha 158 de S. Simão (Nisa) (Gomes, 2003, fig. 184 F) (fig. 1) em que os raios do corpo celeste são representados por báculos, o que constitui argumento decisivo a favor da sua conotação solar e, conseqüentemente, com a vida, eternamente reafirmada.

Com efeito, em alguns menires do Alto Alentejo observa-se esta mesma associação, de que é paradigma o menir da Bulhoa (ou Abelhoa) (Reguengos de Monsaraz), observando-se na sua parte distal um sol radiado e, mais abaixo, entre linhas ondulantes, um «báculo» claramente delineado (fig. 2).

A associação do «báculo» à vida e à sua regeneração permanente é consentânea com o facto de as peças com tal designação constituírem produções de natureza exclusivamente funerária, ainda que o seu fabrico se realizasse naturalmente em oficinas ou sítios especializados, tal como as placas de xisto suas congéneres. Com efeito, a interpretação dos «báculos» ou das suas representações rupestres deve ter presente a semelhança evidente com as placas de xisto decoradas, cuja carga simbólica justificou o seu frequente reaproveitamento, mesmo em regiões onde o xisto abundava (Cardoso e Vilaça, 2020). Como foi de há muito registado, «báculos» e placas de xisto partilham características comuns, tendo presente a matéria-prima, a técnica e os padrões decorativos, para além de ocorrerem nos mesmos espaços funerários e possuírem a mesma distribuição geográfica, existindo assim uma relação direta entre os dois grupos de artefactos.

FIG. 1
Inscultura a picotado da
estação rupestre de São Simão,
Nisa (Gomes, 2003, fig. 184F).

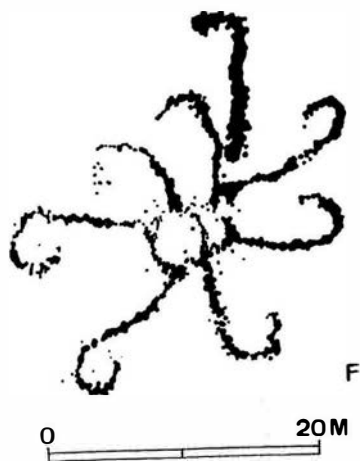


FIG. 2
Menir da Bulhoa (ou Abelhoa),
Reguengos de Monsaraz
(arquivo MFS/JLC).



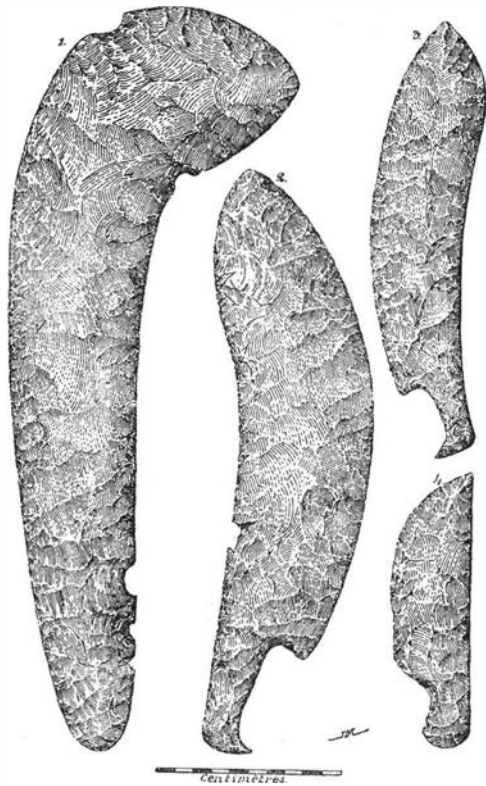


FIG. 3
Machetes em pedra lascada
bifaciais de Messawiyeh
(Morgan, 1926, fig. 191),

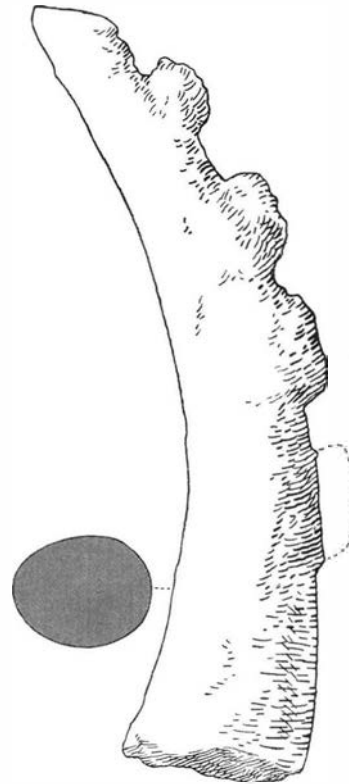


FIG. 4
Peça votiva de calcário das
grutas artificiais de Carenque,
Amadora, representando
possivelmente uma arma
munida de lâminas de sílex
engastadas no cabo de madeira
(MNA, n.º inv. 2002.184.3).
Comprimento – 26 cm (Heleno,
1933, fig. 19).

São várias as hipóteses que se podem considerar para a interpretação dos «báculos» no tocante ao seu significado e funções.

A primeira hipótese é a de os «báculos» poderem corresponder a representações de um objeto que simbolizaria, no mundo dos vivos, atributos de poder e prestígio; mas apenas em uma pintura rupestre da Cueva de Los Letreros (Vélez Blanco), se observa personagem masculina empunhando em cada mão dois objetos curvos (Breuil, 1935, fig. 3), que este autor atribuiu com reserva à representação da foice (p. 14), o que se afigura correto.

A possibilidade de os «báculos» representarem armas, do tipo machete, deve ser ponderada, pois a mesma foi sustentada com argumentos pertinentes por O. da Veiga Ferreira e Manuel Leitão. Segundo eles, a simbologia dos «báculos» não estava ligada à do machado, à da foice ou à da alabarda; a chave para a compreensão desta tão discutida questão residiria no «báculo» da anta da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo) (Ferreira e Leitão, 1981, p. 179) (fig. 10, n.º 4). Com efeito, este exemplar ostenta ao logo do bordo externo um serrilhado contínuo constituído por triângulos recortados, também observável no «báculo» da Anta a Oeste do Vale das Antas (Montemor-o-Novo), do qual se conserva apenas a cabeça e que até agora se mantinha quase inédito, por ter sido apenas reproduzido com má qualidade e sem menção da proveniência (Ferreira, 1985, fig. 4). A localização deste bordo serrilhado pode relacionar-se com a morfologia do remate do cabo observada no primeiro daqueles dois exemplares, comprovando que, no caso de se tratar da réplica de um instrumento de corte, seria aquele o bordo útil, de assinalável convexidade. Essa constatação permitiu aos autores encontrarem paralelos para os «báculos» nas folhas bifaciais de pedra lascada do Egipto pré-dinástico recolhidas em Messawiyeh (Morgan, 1926, fig. 191), onde as semelhanças são de facto evidentes, incluindo a existência de remates no punho para facilitar o manuseio (fig. 3). Estas peças seriam assim a reprodução de machetes, simbolizando os bordos serrilhados, apenas observados nos dois «báculos» acima referidos, os bordos cortantes, com a inserção de elementos de sílex no suporte que originalmente era de madeira.

Esta conclusão encontra-se de facto sugestivamente ilustrada no território português por uma peça votiva de calcário, que também poderia ser a representação votiva de uma foice, cujo bordo convexo se apresenta pontuado de protuberâncias correspondentes muito provavelmente a elementos de sílex nele embutidos (fig. 4). Provém de uma das grutas artificiais de Carenque (Amadora) (Heleno, 1933, fig. 19) e integra a coleção do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) (n.º inv. 985.51.784).

Dirk Brandherm assinalou a existência de exemplares funcionais, que conservam ainda parcialmente os seus cabos de madeira e atribuíveis a este tipo de armas provenientes de contextos domésticos europeus onde a madeira se conservou, nos quais se observa a inclusão de lascas ao longo do bordo cortante. Além disso, o autor invocou também a abundância de «báculos» insculturados em dólmenes bretões, segundo ele conotáveis com a representação destas peças, igualmente presentes em muitos outros contextos arqueológicos europeus (Brandherm, 1995). Tais exemplares, verdadeiras armas talvez manipuladas apenas por uma elite, seriam por isso um símbolo de estatuto e de poder, pelo que as suas réplicas líticas (os «báculos») se associariam naturalmente às tumulações dos elementos mais destacados da comunidade, o que explicaria a sua raridade, comparativamente às placas de xisto decoradas.

A segunda hipótese atribui aos «báculos» a representação de objetos utilitários, não de prestígio ou símbolos de poder, como as armas de tipo machete acima aludidas, mas que, pela sua importância económica, detivessem um significado especial para as comunidades que os utilizassem e em última análise deles dependentes no seu quotidiano. A este propósito, a sempre oportuna reflexão de Estácio da Veiga ganha sentido, associando as placas de xisto decoradas em geral a elementos identificadores de um grupo unido pela prática de um mesmo culto, cuja expressão maior seria corporizada pelo «báculo» (Veiga, 1887, p. 439, 440).

A questão do significado dos «báculos» foi abordada, pouco depois, por J. Leite de Vasconcelos, que não encontrou argumentos seguros para atribuir significado religioso a tais produções, embora também não se encontrasse autorizado a defender o contrário (Vasconcelos, 1897, p. 160). Não rejeitou a possibilidade de representarem «phallus», questão já anteriormente abordada por Estácio da Veiga, tendo presente o seu contorno, mas nada mais adianta.

O mesmo autor em extensa recensão crítica à revista *Portugália*, publicada no Porto, admitiu semelhanças formais das placas de xisto com exemplares egípcios, por ele próprio observados, provenientes de Nágada, mas é completamente omissivo quanto aos «báculos» (Vasconcelos, 1906).

Pouco depois, J. Déchelette, em síntese dedicada à cronologia pré-histórica da Península Ibérica, também alude à relação das placas de xisto com as paletas do Egito pré-faraónico, referindo igualmente os «báculos» de xisto do território português (Déchelette, 1909, p. 17), dos quais eram à data conhecidos apenas quatro.

É de reter a conotação estabelecida por Déchelette entre os «báculos» e o cabo do machado, considerando que o «culto do machado» seria corporizado por três elementos a ele respeitantes: a lâmina lítica; o seu cabo; ou ainda a representação completa do instrumento. Para o efeito, invoca a por ele considerada prolixa representação de cabos de machados num dos esteios do dólmen *Table des Marchands* (Locmariaquer, França), concluindo: «L'identification des crosses du Portugal avec le manche de hache en pierre ne nous semble point douteuse.» (op. cit., p. 17). Pode assim concluir-se que, para Déchelette, os «báculos» insculturados nos monumentos megalíticos bretões seriam na verdade a reprodução do cabo do machado de pedra polida, que reproduziriam a sua curvatura terminal.

Pela mesma altura, Louis Siret associou a morfologia curvilínea dos dois «báculos» por ele referidos — o do dólmen da Estria e o da gruta da Casa da Moura — à água, enquanto alusão ao tentáculo do polvo, ao mesmo tempo que a natureza lítica dos suportes evocaria a terra, o todo representado, o princípio fecundador terra/água (Siret, 1913, pl. VI).

Henri Breuil refere-se a estas peças como báculos (crosses), reproduzindo, em 1935, quatro das cinco até então inventariadas em Portugal (Breuil, 1935, fig. 83), sublinhando a sua frequência nas pinturas

rupestres esquemáticas peninsulares, realidade que bem conhecia, e também nos dólmenes da Bretanha e do sudoeste francês, ocorrências havia pouco cuidadosamente inventariadas (Octobon, 1931), destacando-se a de Collorgues I (Gard), onde é bem patente a representação do machado encabado, em baixo relevo na zona frontal do monólito (op. cit., p. 361). A estilização desta representação torna-a semelhante a representações que Octobon atribui a «báculos», ao *lituus* romano, ou ainda a *boomerangs*, observáveis em outros exemplares da mesma região. Deste modo, com base nas diversas representações inventariadas, pode concluir-se que algumas delas tanto poderiam ser classificadas como machados ou como «báculos»; conseqüentemente, é de considerar a possibilidade de se estar perante a representação de um mesmo e único objeto, o machado encabado, de forma mais ou menos estilizada. Na verdade, este encontra-se presente de forma mais explícita em numerosas insculpturas nos megálitos da Bretanha (Octobon, 1931, p. 381), as quais foram detalhadamente caracterizadas poucos anos antes (Péquart et al., 1927).

A coexistência entre a representação de machados e de «báculos» observa-se igualmente no território peninsular. Os primeiros foram objeto de um recente inventário, no respeitante à arte dolménica, estando presentes de norte a sul da Península Ibérica, nos dólmenes de Soto (Huelva), Alberite II (Cádiz) e Katillotxu V (Bizkaia) (Barroso-Bermejo et al., 2021, fig. 8.3).

A mesma situação se pode observar entre nós nalguns casos, como o da estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves et al., 1997).

Importa referir que em numerosas representações de machados da arte dolménica, tanto peninsular (Barroso-Bermejo et al., 2021, fig. 8.3) como bretã (Octobon, 1931, pl. 6, 52 e 58), o cabo possui uma curvatura muito evidente para o lado oposto ao da lâmina polida, assemelhando-se ao contorno de um báculo, o que reforça a ideia de J. Déchelette, acima apresentada, segundo a qual os «báculos» seriam a representação dos cabos dos machados (fig. 16).

Deste modo, a diferença entre machados e «báculos» residiria não tanto no simbolismo, mas sobretudo na forma, mais estilizada nos «báculos», menos estilizada nos machados, mas com todas as gradações formais entre ambas as formas, a tal ponto que nalguns casos não é fácil optar por uma ou por outra alternativa. Assim sendo, poder-se-ia legitimamente concluir que os «báculos» poderiam de facto corresponder a machados, representados sempre de forma muito mais estilizada, mas possuindo a mesma conotação simbólica

A reforçar esta ideia, de que se trata de uma mesma e única representação, embora com variantes, é de referir que algumas representações de machados ostentam um remate do cabo (Octobon, 1931, pl. 6, pl. 52, 58), tal qual se observa no «báculo» da Anta 4 da Herdade das Antas (fig. 6, n.º 23; fig. 10, n.º 4), que constitui um elemento comum a reter. Tal remate observa-se, igualmente, em certos «báculos» insculptados, como o exemplar patente na estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz) (Gomes, 2003, fig. 179 G).

No povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral) foi identificada a representação de um machado, de perfil, aberto na pasta fresca, numa das faces de um peso de barro recolhido no povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral), primeiramente publicado por J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1922), recentemente redesenhado (Cardoso e Carreira, 2003, fig. 68, n.º 4), o qual possui evidentes paralelos nos machados insculptados nos esteios dos dólmenes bretões e peninsulares acima referidos.

Foi sob este mesmo ponto de vista que se abordou a interpretação funcional dos «báculos», no primeiro dos dois únicos contributos até hoje publicados dedicados exclusivamente a tal discussão. O. da Veiga Ferreira (Ferreira, 1985), com base na observação dos cerca de 40 exemplares por ele referidos, considera que podem ter estado ligados ao «culto do machado encabado» (op. cit., p. 89), estabelecendo paralelismo entre as enxós votivas de calcário e os «báculos», seguindo de perto a opinião anteriormente explicitada por G. e V. Leisner (1951) nesse mesmo sentido: machados e enxós eram artefactos indispensáveis aos agricultores neolíticos e por isso justificariam culto especial.

A terceira hipótese agora admitida é a de estas peças não corresponderem a qualquer réplica de objeto utilizado pelos vivos. A favor desta possibilidade é a existência de outros objetos nestas mesmas circunstâncias, como os cilindros de calcário votivos tão comuns em contextos calcolíticos da Estremadura, do Sudoeste e do Sudeste peninsulares, ou as próprias placas de xisto, uns e outros de uso primário exclusivamente funerário. No entanto, deve ter-se presente que qualquer objeto votivo, como símbolo que é, deverá ter por detrás um significado próprio de todos conhecido e compreendido: tal é o caso dos cilindros de calcário ou das placas de xisto. Assim sendo, e dentro desta mesma perspetiva, ao «báculo» corresponderia a representação simbólica da vida e da sua regeneração, sem ser necessário recorrer a qualquer equivalente funcional — aliás sempre problemático — suscetível de lhe conferir significado.

Deste modo, as conclusões a que se poderá chegar, depois desta longa revisitação das mais diversas explicações até hoje apresentadas são múltiplas e variadas, tantas quantas a riqueza e diversidade do registo arqueológico permitem, sem que seja possível optar com segurança por nenhuma delas em particular. No entanto, é de registar e valorizar a semelhança formal entre algumas representações de machados encabados e os báculos, conferindo à possibilidade de estes corresponderem à representação estilizada daqueles uma acrescida legitimidade.

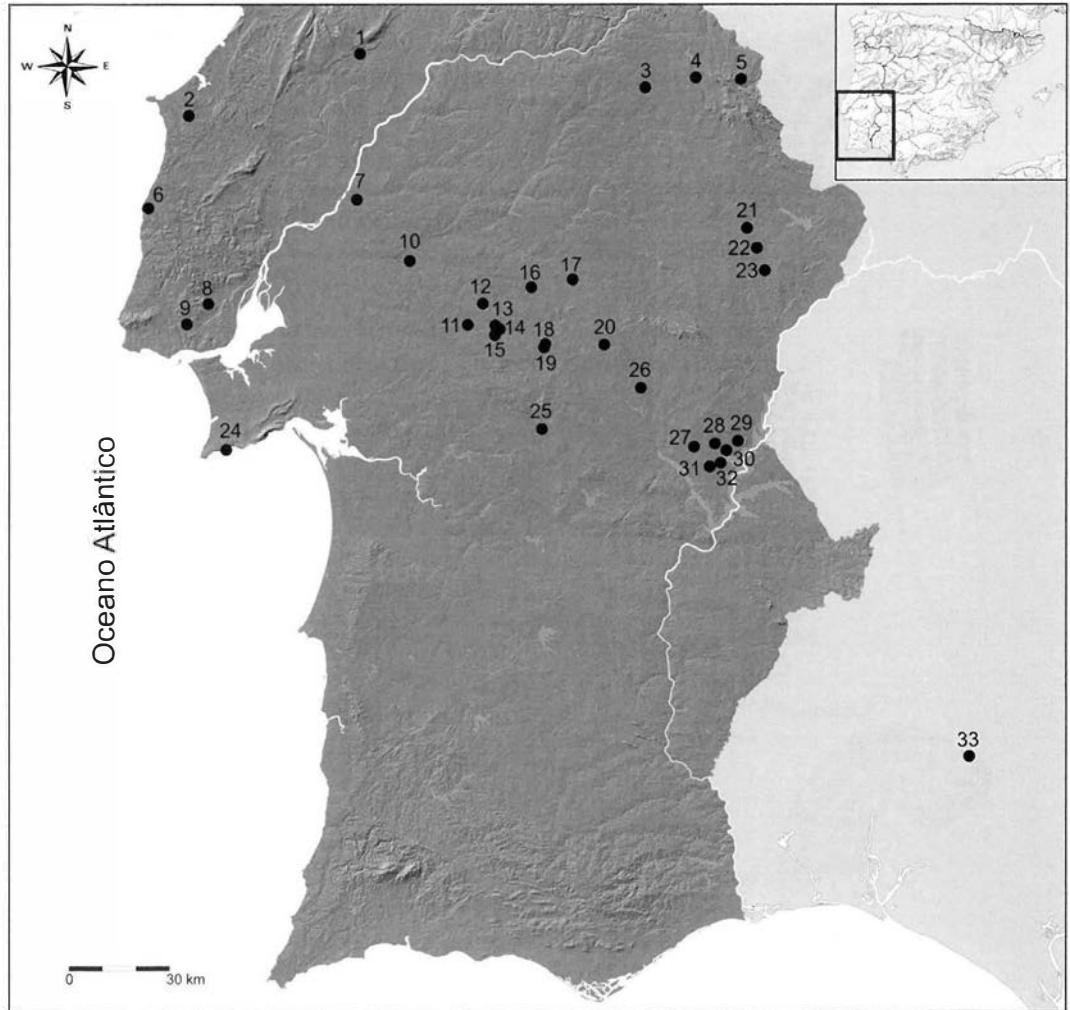
2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA, ASPETOS HISTORIOGRÁFICOS

A larga maioria das cerca de quatro dezenas de «báculos» inventariados (Quadro 1) corresponde a produções que recorrem a placas de xisto ardoso de coloração negra ou acinzentada, com distribuição geográfica quase exclusivamente limitada à região alto-alentejana (fig. 5). Naquela região tal abundância é atestada ao ponto de se ter recolhido num único sepulcro, a Anta Grande ou Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) (Valera, 2015, p. 251) 134 placas de xisto e sete báculos, entre inteiros e fragmentados.

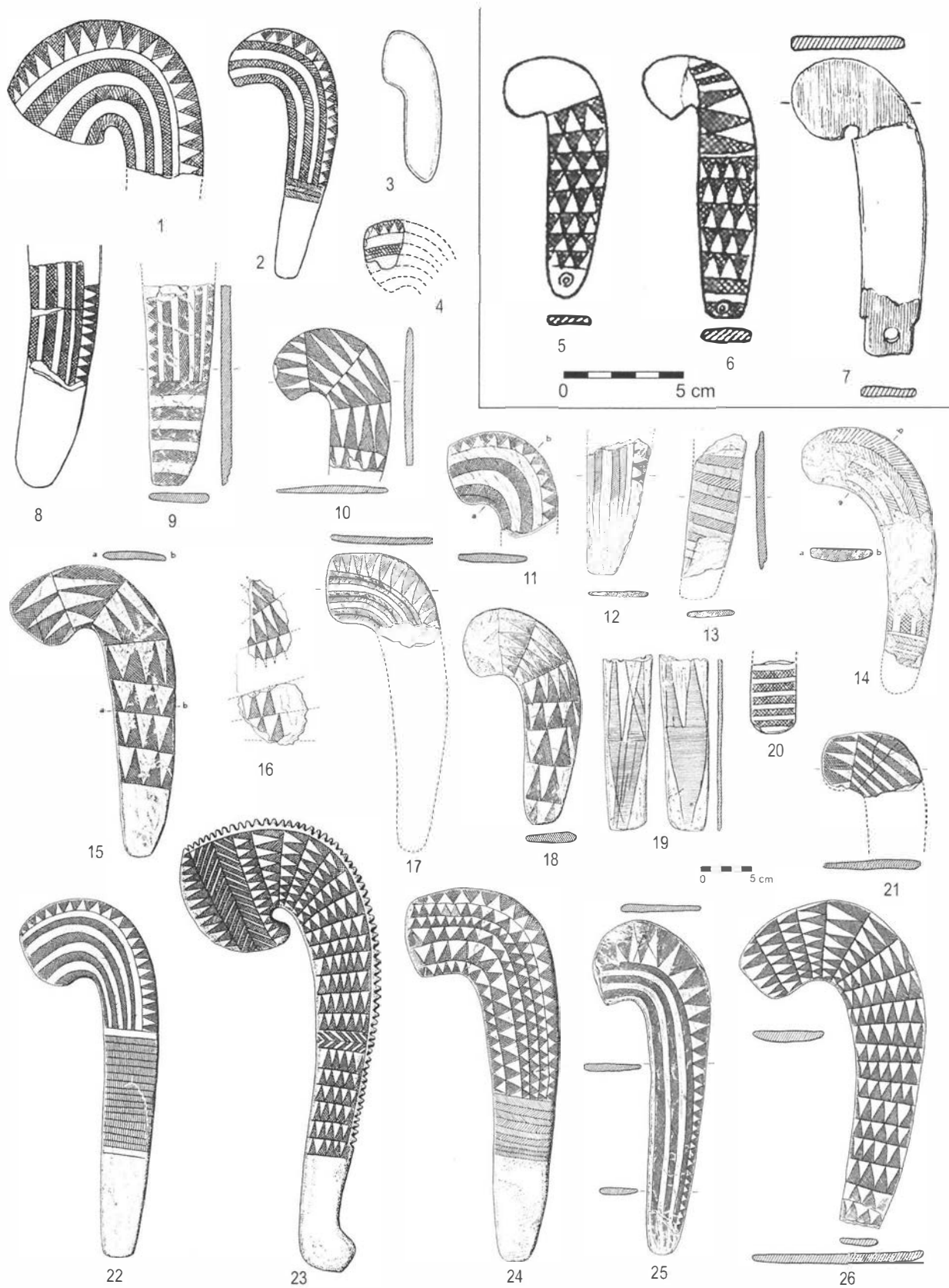
Em Espanha, na região de Huelva, na sepultura de El Pozuelo, recolheu-se um pequeno «báculo» liso, provido de um furo na extremidade proximal para suspensão (Leisner e Leisner, 1959, tf. 48, 3) (fig. 7, n.º 4); muito mais longe, o *tholos* 17 de Los Millares (Almería) forneceu um exemplar ainda menor, com cerca de 16 cm, que poderia também corresponder a esboço de uma destas peças (Leisner e Leisner, 1943, tf. 19, 1, 11) (fig. 7, n.º 5). Nestes termos, pode concluir-se facilmente que se trata de uma produção típica do megalitismo do Ocidente peninsular, coincidindo genericamente a sua distribuição geográfica com a das placas de xisto, com evidente concentração no Alentejo Central (distrito de Évora) e extensão até ao litoral atlântico ocidental.

Curiosamente, o primeiro «báculo» pré-histórico como tal identificado provém de área geográfica entre o Alentejo e a Estremadura, correspondendo ao atual Ribatejo. Trata-se da sepultura de tipo indeterminado de Martim Afonso (Salvaterra de Magos), explorada no decurso das escavações arqueológicas dos concheiros de Muge realizadas em 1865 (Costa, 1865) (fig. 6, n.º 15; fig. 10, n.º 2). Este exemplar foi reproduzido numa bela litografia de diversas peças arqueológicas, executada sob a égide da Comissão Geológica de Portugal, destinada a ilustrar álbum sobre a Pré-História portuguesa a apresentar à Exposição Universal de Paris de 1867 (Carreira e Cardoso, 1996), só muito recentemente publicada (Cardoso, 2016, fig. 1). Levado em 1869 para a Escola Politécnica (Lisboa), este «báculo» foi ali estudado por Augusto Filipe Simões, que o reproduz (Simões, 1878, fig. 33), declarando a seu propósito: «No museu da Escola Polytechnica há uma espécie de baculo (...) também de schisto negro com ornatos parecidos ao das placas (...)» (op. cit., p. 53). Terá sido esta a primeira vez que se associou a este tipo de produções a designação de báculo, conservando-se presentemente esta peça no Museu Nacional de Arqueologia.

No entanto, Carlos Ribeiro, o explorador da referida sepultura, declara que não se recorda de ter nela sido recolhido tal objeto, informação que é para levar em consideração, dada a natureza excecional do objeto, que certamente não lhe passaria despercebido (Ribeiro, 1880, p. 65).

**FIG. 5**

Distribuição geográfica dos principais «báculos» referidos no presente trabalho. 1 – Lapa da Galinha (Alcanena) fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3; 2 – Casa da Moura (Óbidos) fig. 7, n.º 7; fig. 8, n.º 1; 3 – Anta do Couto dos Enxares (Crato); 4 – Anta do Alcoçulo 3 (Castelo de Vide) fig. 6, n.º 10; 5 – Anta da Marquesa (Marvão) fig. 6, n.º 26; 6 – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) fig. 7, n.º 2; 7 – Martim Afonso (Salvaterra de Magos) fig. 6, n.º 15; fig. 10, n.º 2; 8 – Gruta do Correio-Mor (Loures) fig. 7, n.º 3; 9 – Anta da Estria (Sintra) fig. 7, n.º 6; fig. 8, n.º 2; 10 – Monte da Barca (Coruche) fig. 7, n.º 9; 11 – Lobeira de Baixo 2 (Montemor-o-Novo, Évora) fig. 6, n.º 22; fig. 11, n.º 2; 12 – Anta Sul de Vale de Gato (Coruche); 13 – Anta a Oeste do Vale das Antas (Montemor-o-Novo) fig. 10, n.º 1; 14 – Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo) fig. 6, n.º 11, 12, 13, 14; fig. 12, n.º 3; 15 – Anta da Velada (Montemor-o-Novo) fig. 6, n.º 9; 16 – Brissos 6 (Mora) fig. 6, n.º 25; fig. 11, n.º 4; 17 – Caeira 7 (Arraiolos) fig. 6, n.º 21; 18 – Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (Arraiolos) fig. 6, n.º 24; fig. 10, n.º 5; 19 – Anta 4 dos Gualões (Arraiolos, Évora) fig. 10 n.º 3; 20 – Anta 4 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo) fig. 6, n.º 23; fig. 10, n.º 4; 21 – Boudanha (Monforte) fig. 6, n.º 18; 22 – Horta Velha do Reguengo (Elvas, Portalegre) fig. 6, n.º 19; 23 – Jazigo de Alcarapinha (Elvas, Portalegre) fig. 6, n.º 7; 24 – Lapa do Fumo (Sesimbra) fig. 13; 25 – Anta de Vale de Rodrigo (Évora) fig. 6, n.º 16, 17; 26 – Anta 2 da Loba (Évora); 27 – Monumento 2 dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz) fig. 9; 28 – Anta da Herdade do Duque (Corval, Reguengos de Monsaraz); 29 – Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) fig. 6, n.º 1, 2, 3; fig. 11 – n.º 1; fig. 12, n.º 4; 30 – Comenda 2 e *tholos* da Comenda (Reguengos de Monsaraz, Évora) fig. 6, n.º 20; 31 – Cebolinho 1 (Reguengos de Monsaraz, Évora) fig. 6, n.º 8; 32 – Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz) fig. 6, n.º 4, 5, 6; fig. 12, n.º 1, 2; 33 – El Pozuelo 3 (Huelva, Espanha), fig. 7, n.º 4; 34 – Los Millares (Almería) fig. 7, n.º 5 (não está representado no mapa).



Graças às pioneiras investigações arqueológicas desenvolvidas por aquele geólogo e pelo seu colaborador Joaquim Filipe Nery Delgado, no âmbito da atividade da Comissão Geológica de Portugal, e pelos organismos que lhe sucederam, foram pouco depois publicados mais dois «báculos», ambos oriundos de sepulcros coletivos a norte do Tejo:

— Um exemplar provém do dólmen da Estria (Ribeiro, 1880, est. 5, n.º 5 e est. 6, n.º 1) (fig. 2, n.º 6; fig. 8, n.º 2). Foi considerado pelo autor, e pela primeira vez no tocante à interpretação deste tipo de peças, como «emblema ou signal de auctoridade ou de mando» (op. cit., p. 65); esta interpretação foi também seguida por J. Leite de Vasconcelos (1885, p. 39), que, ao referir-se ao «báculo» de Martim Afonso, o considera como «um instrumento de schisto, análogo a um báculo, e que era provavelmente um bastão de comando».

— O outro exemplar referido por Carlos Ribeiro em 1880 foi recolhido na gruta natural da Casa da Moura no decurso das escavações realizadas em 1879/1880 sob a direção de J. F. Nery Delgado, adjunto da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal (fig. 7, n.º 7; fig. 8, n.º 1). Foi pela primeira vez publicado por Émile Cartailhac, em 1886 (Cartailhac, 1886, fig. 96 e 97), declarando a tal propósito: «leur destination reste un mystère» (op. cit., p. 96). Tal como Carlos Ribeiro tinha observado relativamente ao «báculo» da Estria, munido de um furo na base da extremidade distal que segundo ele se destinaria a pendurar a peça, também Cartailhac mencionou a existência de três furos na extremidade proximal desta peça, cuja finalidade será adiante discutida.

Entretanto, já no advento do século XX realizaram-se novas descobertas de «báculos», ainda no território estremenho, uma vez que este continuou a ser o mais explorado do ponto de vista arqueológico. Em 1908 recolheu-se outro exemplar nas escavações realizadas na Lapa da Galinha sob a égide do Museu Etnológico Português (atual Museu Nacional de Arqueologia) orientadas por Félix Alves Pereira (Coito et al., 2008, p. 151), o qual permaneceu inédito até 1942 (Heleno, 1942) (fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3). Trata-se de exemplar de grande importância para a discussão do significado destas peças votivas, adiante discutido.

A partir dos inícios da década de 1930, Manuel Heleno desenvolveu um ambicioso programa de escavações sistemáticas em dólmenes do Alentejo Ocidental e Central (Distrito de Évora), de que resultou a recolha de notável conjunto de «báculos», que ainda hoje correspondem, de longe, ao conjunto mais numeroso recolhido em Portugal. Nas décadas seguintes, proporcionou a publicação de alguns dos mais importantes desses exemplares, não só dos que pessoalmente recolhera e se mantinham inéditos, mas também dos que se encontravam à sua guarda, no museu de que era diretor, e que constam da obra monumental de Georg e Vera Leisner (Leisner e Leisner, 1959).

FIG. 6

«Báculos» alentejanos (in Leisner e Leisner, 1959). 1 – Olival da Pega 1 (tf. 40, 1); 2 – Olival da Pega 1 (tf. 40, 1); 3 – Olival da Pega 1 (tf. 40, 1); 4 – Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz, Évora), (Leisner e Leisner, 1959, tf. 39, 4); 5 – Anta 1 da Herdade do Passo (tf. 39, 4); 6 – Anta 1 da Herdade do Passo (tf. 39, 4); 7 – Jazigo de Alcarapinha (tf. 11, 1, n.º 97) 8 – Cebolinho 1 (tf. 39, 5); 9 – Anta da Velada (tf. 28, 1, n.º 50); 10 – Anta da Cabeça (tf. 3, 3, n.º 3); 11 – Anta Grande da Comenda da Igreja (tf. 27, 1, n.º 80); 12 – Anta Grande da Comenda da Igreja (tf. 27, 1, n.º 82); 13 – Anta Grande da Comenda da Igreja (tf. 27, 1, n.º 81); 14 – Anta Grande da Comenda da Igreja (tf. 27, 1, n.º 79); 15 – Martim Afonso (tf. 44, 12, n.º 2); 16 – Vale de Rodrigo (tf. 42, 1, n.º 31); 17 – Vale de Rodrigo (tf. 42, 1, n.º 32); 18 – Boudanha (tf. 8, 5, n.º 3); 19 – Horta Velha do Reguengo (tf. 9, 6, n.º 18); 20 – Comenda 2 e *tholos* da Comenda (tf. 39, 2); 21 – Caeira 7 (tf. 30, 8, n.º 16); 22 – Anta Grande da Lobeira de Baixo (tf. 29, n.º 25); 23 – Anta 4 da Herdade das Antas (tf. 29, n.º 26); 24 – Anta 1 ou 4 dos Gualões (tf. 29, n.º 27); 25 – Brissos 6 (tf. 22, 1, n.º 34); 26 – Anta da Marquês (Marvão, Portalegre), (tf. 4, 5, n.º 12).

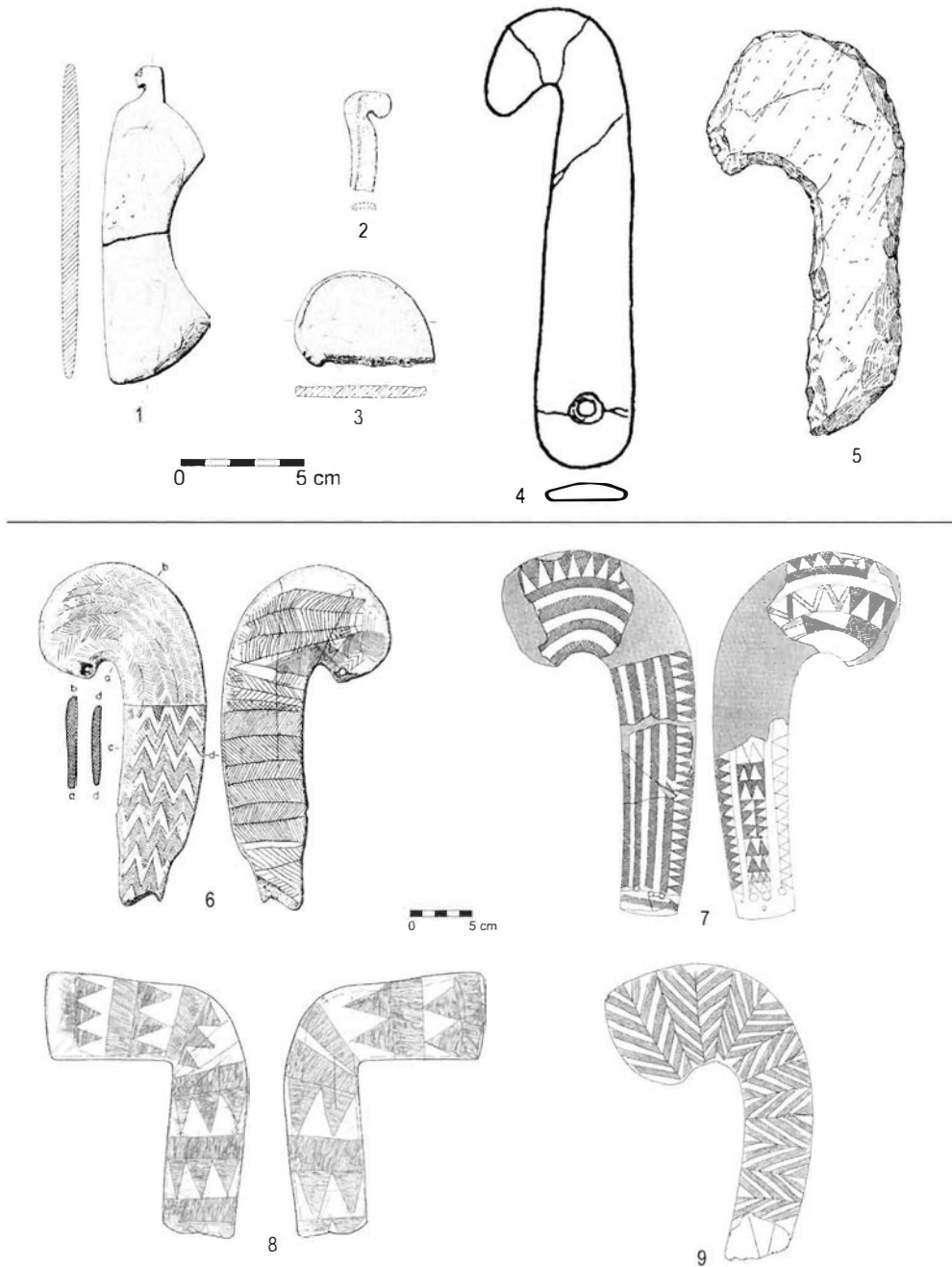


FIG. 7

«Báculos» diversos e artefactos aparentados, 1 – Machado votivo (bipene). Gruta II da Senhora da Luz (Cardoso, 1996, fig. 36, n.º 2); 2 – «Báculo» miniatura em placa de osso recortada. Gruta da Cova da Moura (Spindler, 1981, tf. 23, n.º 358); 3 – Cabeça de «báculo» liso. Gruta do Correio-Mor (Loures), (Cardoso, 2003, fig. 32, n.º 9); 4 – «Báculo» liso utilizado como pendente. El Pozuelo 3 (Huelva), (Leisner e Leisner, 1959, tf. 48, 3); 5 – «Báculo» liso. Los Millares 17 (Leisner e Leisner, 1943, tf. 19, 1, 11); 6 – «Báculo» decorado nas duas faces. Dólmen da Estria (Leisner, 1965, tf. 57, n.º 3); 7 – «Báculo» decorado nas duas faces. Gruta da Casa da Moura (Carreira e Cardoso, 2001/2002, fig. 58). 8 – «Báculo» decorado nas duas faces. Lapa da Galinha (Heleno, 1942, fig. 4 e 5, mod.); 9 – «Báculo» do Monte da Barca (desenho original sobre foto, cf. Vicente et al., 1974, est. XIII, n.º 2).

Mais recentemente, novas recolhas de «báculos» foram feitas no âmbito de trabalhos de campo, como os conduzidos na região de Évora por Henrique L. Pina (Pina, 1961) a par de outros, de qualidade sofrível, conduzidos nas décadas de 1960 e de 1970 por Agostinho Isidoro no concelho do Crato (Isidoro, 1966), ou resultaram de achados fortuitos, como é o caso dos quatro báculos recolhidos no decurso de obras rurais no Monte da Barca (Coruche), em 1971 (Vicente et al., 1974).

Até ao presente, embora se tenha acumulado muita informação e produzido as mais diversas interpretações sobre este tipo de artefactos, ainda não se tinha realizado um estudo de conjunto e de síntese sobre estas peças, que continuam a ser hoje quase tão enigmáticas como nos tempos em que a primeira foi recolhida, na charneca de Muge, muito provavelmente em 1865.

3. MORFOLOGIA

Forma — já Estácio da Veiga tinha valorizado o facto de a forma dos exemplares que conhecia (apenas quatro) ser canónica e facilmente reconhecível, o que «poderá ter obedecido a uma ideia reservada» (Veiga, 1887, p. 431), embora, como acima se referiu, não fosse capaz de a explicitar.

Orientação (desenvolvimento da curvatura da cabeça em relação à face decorada) — é interessante verificar que a curvatura da face decorada se desenvolve sempre para o lado esquerdo do observador. Mesmo num dos exemplares decorados nas duas faces, o da anta da Estria, é nítida a diferença observada entre a qualidade e o rigor das decorações observadas nas duas faces, sendo muito mais completa a decoração correspondente à face da peça com a cabeça voltada à esquerda (fig. 7, n.º 6). Tal significa que os exemplares votivos, a serem segurados pelo punho direito do inumado, e depositados horizontalmente sobre o seu corpo, teriam de ter a curvatura voltada para o lado externo, correspondente ao bordo útil, compatível com a utilização como machete, caso se pretendesse, como seria normal, que a face decorada estivesse visível.

O punho — corresponde à extremidade proximal dos «báculos». Do ponto de vista morfológico, Émile Cartailhac (1886, p. 96) foi quem primeiro valorizou a existência de uma chanfradura longitudinal ao longo de ambos os bordos laterais do punho do «báculo» do dólmen da Estria (fig. 7, n.º 6; fig. 8, n.º 1); ainda que a mesma se apresente decorada, poderia servir, segundo ele, como espigão para encabamento ou corresponder a um cabo curto. Esta particularidade tem paralelo no pequeno exemplar do jazigo de Alcarapinha (fig. 6, n.º 7); também foi observada no «báculo» de marfim recolhido no recinto dos Perdigões (fig. 9) e em algumas porções proximais dos cabos de enxós votivas de calcário, como o exemplar das grutas artificiais de Carenque (Amadora) (Helena, 1933, fig. 9), o que sugere relação formal entre os dois conjuntos de peças.

No exemplar da gruta da Casa da Moura, igualmente decorado de ambos os lados, a presença de três furos na extremidade proximal (fig. 8, n.º 1) foi discutida aquando da publicação da totalidade dos espólios exumados nas escavações de 1879/1880 efetuadas sob a direção de Nery Delgado (Carreira e Cardoso, 2001/2002), cujos pormenores foram recentemente dados a conhecer (Cardoso, 2020). Estes furos deram origem a duas alternativas distintas quanto à sua finalidade:

— Para permitirem a suspensão invertida da peça, à semelhança do que se verificaria nos exemplares de pequenas dimensões, munidos de um furo adiante caracterizados; esta hipótese está subjacente à forma como a peça foi representada por Nils Åberg, com o topo correspondente à extremidade perfurada (Åberg, 1921, fig. 29);

— Para facilitarem a fixação a um cabo, como sucede com os atuais báculos episcopais, no seguimento do que havia sido referido por Estácio da Veiga (1887) «ou simplesmente, para permitir a suspensão de adereços leves, como plumas, que naturalmente não se conservaram» (Cardoso e Carreira, 2001/2002, p. 282). Esta última hipótese é a única que não é incompatível com a possibilidade de a peça ser tida na mão pela referida extremidade.

FIG. 8

«Báculos» decorados nas duas faces do domínio atlântico.

1 — Gruta da Casa da Moura (Museu Geológico, LNEG).

Foto © J. L. Cardoso;

2 — Dólmen da Estria (Museu Geológico, LNEG). Foto © J. L. Cardoso;

3 — Lapa da Galinha [Museu Nacional de Arqueologia (MNA), n.º inv. 2002.188.1].

Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.



Do ponto de vista iconográfico, a extremidade proximal dos «báculos», frequentemente lisa, encontra-se separada do cabo do «báculo», nalguns casos, por espinhado ou reticulado, o que poderia corresponder a um entrançado vegetal que facilitasse o manuseio dos exemplares funcionais, no caso de estes terem existido. Noutros casos, apresenta-se preenchida por decoração semelhante à do cabo do «báculo» ou com bandas horizontais preenchidas interiormente, de acordo com os diversos exemplares representados na fig. 6.

A forma como os «báculos» eram efetivamente manuseados só foi cabalmente conhecida com a publicação de um exemplar munido de remate na base, destinado a aumentar a segurança da peça na mão: trata-se do «báculo» da Anta 4 da Herdade das Antas, Montemor-o-Novo (Leisner e Leisner, 1959, tf. 29, n.º 26) (fig. 6, n.º 23). A posição deste remate levanta o problema da orientação do movimento de corte. Caso o remate se situasse voltado para frente, como acontece com os machetes pré-dinásticos, e também com os machados modernos, para evitar o deslizamento do cabo na mão, então o gume cortante corresponderia ao bordo convexo e não à cabeça do «báculo». À luz desta interpretação, ficaria resolvida a natureza funcional destes artefactos.

O cabo — corresponde à zona mesial, sendo iconograficamente a parte mais rica e variada dos exemplares, de acordo com motivos simples organizados em padrões canónicos, uns e outros adiante caracterizados.

A cabeça — a individualização morfológica da extremidade distal é variável, evidente e marcada nuns casos em que se encontra fortemente assinalada por curvatura interna muito fechada; em outros, tal diferenciação é insensível, por corresponder a inflexão suave.

A morfologia da curvatura externa da cabeça constitui também elemento descritivo importante. Assim, a maioria dos exemplares possui o bordo fortemente convexo, curvado sobre si próprio, formando por vezes como que um gume mais ou menos oblíquo, afigurando-se propício ao corte. Esta evidência levou Manuel Heleno, baseado em três exemplares — o da Lapa da Galinha, o da Anta

Grande ou Anta 2 da Lobeira de Baixo e um exemplar da Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (fig. 6, n.º 22 e 24; fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3; fig. 10, n.º 5) — os quais evidenciavam a progressiva inclinação lateral da cabeça — a atribuir a representação dos «báculos» a machados.

Nesta perspetiva, a valorização por Manuel Heleno do «báculo» da Lapa da Galinha compreende-se, dado ser o único caso conhecido em que se observa um bordo vertical, constituindo a terminação de cabeça, formando ângulo reto com o cabo, tal qual se verifica nos machados atuais, o que permitiu ao autor concluir que foi deste modo resolvido «um importante problema da nossa Arqueologia» (Heleno, 1942, p. 463). Na verdade, Manuel Heleno tinha também um objetivo secundário, o de minorizar António Augusto Mendes Corrêa que foi quem primeiro publicou esta peça, já então fraturada em duas porções, por não se ter apercebido que ambas faziam parte de um único exemplar (Corrêa, 1928, p. 173, fig. 9, 10). Nos nossos dias, o «báculo» de marfim dos Perdígões, de época calcolítica, vem demonstrar, por um lado, a falta de sustentação da teoria de Manuel Heleno acerca da evolução tipológica dos báculos, já que a cabeça é semelhante à do exemplar da Lapa a Galinha, considerado por aquele autor como o protótipo de tais peças. Por outro lado, é indiscutível a sua semelhança à de um machado encabado, o que permite manter em aberto a hipótese colocada por aquele investigador.

Na verdade, os três «báculos» engenhosamente selecionados por Manuel Heleno para a demonstração da sua hipótese de corresponderem à evolução da representação do machado — e não apenas dos respetivos cabos, como pretendia Joseph Déchelette — são concludentes para o que se pretendia demonstrar, representando três variantes principais da orientação e da curvatura da cabeça, evolução que teria um significado diacrónico.

De facto, a explicação para a evolução dos «báculos» postulada por Manuel Heleno fundava-se em razões cronológicas, sendo os exemplares que mais se pareciam com os machados os «báculos» os mais antigos, dos quais «derivaram as formas encurvadas em báculo» (Heleno, 1942, p. 463). Porém, esta explicação tem três limitações determinantes pelo que não pode ser aceite:

- Em primeiro lugar, o «báculo» da Lapa da Galinha é exemplar único, carecendo assim de representatividade como marcador cronológico;
- Em segundo lugar, porque, ocorrendo numa região longe da área de maior concentração destes objetos, jamais se poderia considerar como correspondendo à região primordial de onde os mesmos pudessem ter-se difundido;
- Em terceiro lugar, porque, no espólio que o acompanhava e ainda por publicar em detalhe, mas que já é conhecido nas suas linhas gerais (Sá, 1959) nada indica corresponder a etapa anterior à representada pelos restantes báculos conhecidos.

No entanto, a interpretação de Manuel Heleno, simples e sugestiva, teve a concordância na época de Georg e Vera Leisner, que consideraram, face à penúria de outros argumentos de natureza comparativa com diferentes culturas do Mediterrâneo Oriental, a hipótese mais plausível — embora com reservas, em parte recorrendo a argumentos semelhantes a alguns dos acima expostos.

As analogias existentes entre os «báculos» e as conhecidas enxós votivas de calcário, peças calcolíticas acantonadas à Baixa Estremadura (Leisner e Leisner, 1951, p. 136, 137), afigura-se linha interessante a explorar. Com efeito, estas representações não deixam de reproduzir o cabo, em cotovelo, originalmente de madeira, sobre o qual assentava horizontalmente a enxó lítica de gume polido, ligada ao cabo por cordame que se encontra igualmente representado. A inflexão do cabo das enxós votivas conjuntamente com a representação da lâmina lítica poderia corresponder à representação da cabeça dos «báculos», explicando-se a forma achatada destes pelas limitações impostas pela matéria-prima, que não permitia a modelação tridimensional, como se verifica com os calcários subcristalinos em que são talhadas as enxós votivas.

4. «BÁCULOS» LISOS, «BÁCULOS» DECORADOS

No respeitante aos campos decorados, verifica-se que, ao contrário do que se observa na extremidade proximal, que é frequentemente lisa ou possui iconografia própria, os campos decorados observados no cabo prolongam-se insensivelmente até à extremidade da cabeça, independentemente dos padrões decorativos observados. Existem, contudo, raras exceções, como a cabeça do «báculo» da Anta Sul de Vale de Gato (Gonçalves, 2011, fig. 3.8) e o exemplar da Anta da Estria, observando-se uma linha transversal que separa o corpo da cabeça, distinguindo-se ambos os sectores pelos distintos padrões decorativos, nas duas faces decoradas (fig. 7, n.º 6); também no pequeno exemplar da Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz) (fig. 6, n.º 5), a cabeça contrasta com o corpo do «báculo» por ser totalmente lisa, e, se o desenho poderia suscitar fundadas dúvidas de esta faltar no original, a foto do mesmo é concludente a tal respeito (Leisner e Leisner, 1951, est. 62, n.º 2).

Na Anta Grande do Olival da Pega recolheu-se pequeno báculo liso (Leisner e Leisner, 1951, est. 36, n.º 5) (fig. 6, n.º 3; fig. 12, n.º 4); contudo, não parece tratar-se de exemplar inacabado, dado o cuidado polimento integral que ambas as faces apresentam. Pelo contorno, aproxima-se do machado votivo recolhido nas grutas da Senhora da Luz, afeiçoado em rocha de grão fino acinzentada e totalmente polido, possuindo um duplo gume convexo oblíquo (bipene) e um entalhe para suspensão na extremidade proximal (fig. 7, n.º 1) (Cardoso et al., 1996, fig. 36, n.º 2). Este exemplar não possui paralelos conhecidos em território português, mas apenas no Mediterrâneo Oriental, conforme foi então assinalado, constituindo talvez cópia de um dali originário.

Outro exemplar liso foi recolhido na gruta do Correio-Mor (Cardoso, 2003, fig. 32, n.º 8). Trata-se de rocha igualmente acinzentada, de grão fino, com marcada concavidade existente do lado interno da cabeça, pautada pela regularidade curvilínea do perfil (fig. 7, n.º 3). Como particularidade, observa-se a existência de um rebordo exterior da «cabeça» numa das faces.

Um terceiro exemplar liso provém do jazigo de Alcarapinha (fig. 6, n.º 7) e afigura-se muito semelhante ao exemplar do Correio-Mor, evidenciando igualmente forte convexidade da cabeça e um marcado «sinus» no remate interno desta.

Da sepultura coletiva de El Pozuelo 3 (Huelva) (fig. 7, n.º 4) provém exemplar liso, utilizado como pendente, e outro, igualmente de pequenas dimensões, aparentemente apenas desbastado, foi recolhido no *tholos* 17 de Los Millares (fig. 7, n.º 5), sendo de notar que nesta região se conhecem diversas placas lisas, tal como se verifica em território português.

A existência de placas lisas — e também de «báculos» — não se pode explicar pela possibilidade de tais exemplares terem sido assim importados para só serem concluídos nos respetivos locais de utilização final. Com efeito, existe um fundo decorativo comum às placas de xisto — e também aos «báculos», como adiante se verá — que é transregional e desta forma independentemente da região considerada (Lillios, 2008, fig. 5.13).

No entanto, esta conclusão merece ser ponderada face à recente identificação de um grupo específico de placas de xisto que, pela iconografia, se afigura circunscrito à área estremenha e zonas limítrofes, representado por cinco exemplares (Cardoso et al., 2018), como uma única exceção conhecida, o fragmento recolhido na Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz) (Leisner e Leisner, 1951, est. 21, n.º 10).

Importava assim verificar se os «báculos» conhecidos na Estremadura expressavam também tal realidade.

5. OS TRÊS «BÁCULOS» ATLÂNTICOS E AS SUAS PARTICULARIDADES

Dos 3 «báculos» reportados à região entre o Tejo e o Oceano, já acima mencionados, a que se soma dubitativamente um fragmento do Outeiro de São Mamede (Cardoso e Carreira, 2003, fig. 71, n.º 2), todos se apresentam decorados em ambas as faces, exatamente o observado nas placas de xisto acima referidas: são os exemplares do dólmen da Estria (fig. 7, n.º 6; fig. 8, n.º 2), da gruta da Casa da Moura (fig. 7, n.º 7; fig. 8, n.º 1) e da Lapa da Galinha (fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3), o que configura um parti-

cularismo regional assaz evidente, pois fora desta região apenas foi compulsado mais um exemplar decorado nas duas faces, limitado à porção proximal (fig. 6, n.º 21), oriundo da Anta da Horta Velha do Reguengo, Elvas. Adiante se verá que esta característica é acompanhada por aspetos particulares no respeitante à iconografia.

Dá que pensar o facto de a quase totalidade dos «báculos» se apresentar decorada apenas numa face, pois se tal situação se compreende quanto às placas de xisto, que se apoiariam sobre o peito do inumado, já o mesmo poderia não suceder quanto a estas peças, sobretudo tendo presente a teoria segundo a qual os putativos originais seriam símbolos de poder exibidos publicamente (Gonçalves, 2011), pelo que seria de esperar que fossem decorados nas duas faces. Tratando-se de réplicas votivas, a reprodução integral dos objetos originais seria natural.

A explicação para tal facto é que, na eventualidade de serem objetos exclusivamente votivos, sem equivalente funcional, apenas interessaria decorar a face que ficaria visível no interior do sepulcro. Com efeito, Manuel Heleno informa que, na Anta Grande da Lobeira de Baixo, o «báculo» (fig. 6, n.º 22; fig. 11, n.º 2) se encontrava empunhado pelo morto, repousando sobre o peito (Heleno, 1942, p. 462). Admitindo que os «báculos» fossem empunhados na mão direita pelos inumados, então a cabeça da peça ficaria voltada para o exterior, como acima se referiu, para que fosse visível a face decorada, como seria natural.

6. MOTIVOS DECORATIVOS

Estácio da Veiga (1887, p. 431) declara que, pese embora o escasso número de exemplares então conhecidos — apenas quatro —, não existia nenhum exemplar igual a outro, observação também válida para as placas de xisto, com base nas 56 placas e 23 fragmentos de outras (op. cit., p. 430) que compulsou. Face a esta constatação conclui: «ou se há de admitir que cada desenho tinha uma significação especial, e neste caso o numero das symbologias era igual ao de todo os desenhos já conhecidos, ou que esse lavor, de tantas variantes, apenas se deve considerar como simples gosto de ornamentação» (op. cit., p. 434 e 435). Assume-se, conseqüentemente, insensível à contabilização do «numero de barras horizontaes ou obliquas, de fileiras de triângulos e outras figuras para com todos estes simbolos, contados e dispostos a preceito, significar o posto, a qualidade e mais imunidades dos personagens a quem compita usar taes divisas ou insígnias, apenas se propunha produzir o maior número possível de padrões diversos» (op. cit., p. 435). Estas palavras permanecem plenas de atualidade e de acerto, contrastado com recente proposta que, nada tendo original, se limitou simplesmente a contrariar a opinião do arqueólogo algarvio, aproveitando integralmente esta sua ideia mas ao contrário (Lillios, 2008). Estas considerações, dizendo respeito essencialmente às placas sub-retangulares que constituem o 1.º grupo de Estácio da Veiga, obrigam a verificar até que ponto se aplicam aos «báculos». Nestes, podem ser identificados diversos motivos elementares, que se organizam em diversos padrões decorativos, os quais, como adiante se verá, obedeceram a modelos pré-definidos, e canonicamente repetidos. Começando pelos motivos elementares, foram isolados os seguintes:

Dentes de lobo — acompanham com muita frequência o bordo externo de alguns «báculos» e poderiam configurar a representação de penachos fixados nos exemplares funcionais em madeira, no caso de estes terem alguma vez existido. A corporização desta ideia encontra-se expressivamente ilustrada pelos denteados recortados patentes ao longo do bordo longitudinal convexo do exemplar da Anta 4 da Herdade das Antas (fig. 6, n.º 23; fig. 10, n.º 4), no que constitui particularidade apenas observada em mais um exemplar limitado à cabeça, recolhido na Anta a Oeste do Vale das Antas, até agora conhecido por reprodução de má qualidade (Ferreira, 1985, fig. 4) (fig. 10, n.º 1).

Na perspetiva de corresponderem a armas, os triângulos corporizariam os elementos líticos encastrados nos cabos de madeira, como acima se referiu.

Bandas longitudinais contínuas — acompanham em parte ou na totalidade o corpo dos «báculos» até à curvatura terminal correspondente à cabeça dos mesmos, ou limitando-se neste setor das peças, como se observa no exemplar da Anta Grande da Lobeira de Baixo (fig. 6, n.º 22; fig. 11, n.º 2).

Bandas transversais formadas por triângulos — neste padrão decorativo, a base dos triângulos define sucessivas linhas transversais ao corpo do «báculo», que se vão sucedendo ao longo do comprimento deste; os triângulos, mais ou menos alongados, na zona da cabeça apresentam-se em alguns exemplares com orientação oposta, como é o caso dos exemplares da Anta da Cabeça (fig. 6, n.º 10) e de Martim Afonso (fig. 6, n.º 15; fig. 10, n.º 2), o que significa uma diferenciação discreta no tratamento gráfico desta parte da peça relativamente ao corpo das mesmas, também observada nos fragmentos de Caeira 7 (fig. 6, n.º 21), da Anta a Oeste do Vale das Antas (Ferreira, 1985, fig. 4) (fig. 10, n.º 1) e no exemplar da Anta do Couto dos Enxares igualmente incompleto na metade proximal (Isidoro, 1966, est. 14). Porém, na maioria dos exemplares que ostentam preenchimento total ou quase total deste padrão decorativo, não se observa tal situação, encontrando-se todos os triângulos orientados com o vértice para a extremidade distal da peça, como é o caso dos exemplares de Boudanha (fig. 6, n.º 18), da Anta da Marquesa (fig. 6, n.º 26), da Anta 2 da Loba (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2005, p. 24), e num dos exemplares do Monte da Barca (Vicente, Andrade e Dias, 1974, est. 12). No exemplar da Anta da Herdade do Duque (Pina, 1961, fig. 9), devido à má qualidade da reprodução, é apenas possível afirmar que a decoração é constituída por triângulos em bandas transversais sucessivas ocupando toda a superfície do «báculo».

Bandas longitudinais formadas por triângulos — neste caso, a base dos triângulos define linhas longitudinais que correm ao longo do corpo dos «báculos», atingindo a extremidade distal das peças, como se verifica no exemplar da Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (fig. 6, n.º 24; fig. 10, n.º 5). Um outro «báculo» recolhido nesta mesma anta, e que até agora se mantinha quase inédito, visto ter sido reproduzido com má qualidade e sem indicação da proveniência (Ferreira, 1985, fig. 4) (fig. 10, n.º 3), exhibe o mesmo padrão composto por triângulos elementares ocupando longitudinalmente toda a peça, excetuando o punho, que é liso. A particularidade desta peça é que a organização dos triângulos, também observada na anterior, tem uma disposição pautada por linhas longitudinais que acompanham todo o comprimento do «báculo», que formam quatro bandas paralelas, desenvolvendo-se os triângulos, tal como no exemplar anterior, com o vértice sempre voltado para o lado direito.

Outros motivos geométricos — para além dos dois grupos principais de motivos identificados, estão presentes, excecionalmente, outros. É o caso dos motivos em «Chevron» formados por bandas preenchidas interiormente com inclinação alternada e desenvolvimento longitudinal, observado num único exemplar, oriundo do Monte da Barca (fig. 7, n.º 9).

A este grupo pertencem os dois «báculos» miniatura da Anta 1 da Herdade do Passo (fig. 6, n.ºs 5 e 6; fig. 22, n.ºs 1 e 2), nos quais os triângulos que ocupam a totalidade do cabo se dispõem em bandas horizontais, mas em posição invertida relativamente à observada nos «báculos» que ostentam tal padrão decorativo, situação que também se observa nas duas faces decoradas do «báculo» da Lapa da Galinha (fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3).

Também os outros dois «báculos» da região estremenha se inscrevem neste grupo. O do dólmen da Estria (fig. 7, n.º 6; fig. 8, n.º 2) exhibe numa das faces a associação de dois motivos geométricos: os «zigzagues» horizontais, que não se observam em mais nenhum outro exemplar, aos quais se sucede, na metade superior da peça, espinhado alternado feito a traço simples, pautado por linhas longitudinais, comparável a exemplar da Anta Grande da Comenda da Igreja (fig. 6, n.º 14; fig. 12, n.º 3). A outra face daquele «báculo» exhibe igualmente o mesmo padrão decorativo, mas disposto em bandas horizontais, que passam a longitudinais na cabeça da peça, constituindo deste modo exemplar sem qualquer outro paralelo conhecido.

O exemplar da gruta da Casa da Moura (fig. 7, n.º 7; fig. 8, n.º 1) encontra-se em situação análoga à do anterior: assim, enquanto uma das faces ostenta decoração comum no Alentejo, constituída por bandas longitudinais contínuas acompanhadas por faixa externa de triângulos marginais («dentes de lobo»), na outra, os motivos elementares presentes — zigzagues, triângulos, bandas contínuas — formam conjunto geométrico heterogéneo e desorganizado, sem paralelo em mais nenhum outro exemplar.

Aos exemplares referidos neste grupo pode juntar-se ainda o único «báculo» de marfim, oriundo do sepulcro 1 do recinto dos Perdigões (Valera, 2020). Tratando-se do único «báculo» seguramente calcolítico, é natural que a temática decorativa, limitada à área mesial do corpo do báculo, visto a cabeça e a extremidade proximal serem lisas, reflita os padrões mais em uso naquela época e que de facto têm analogia com as cerâmicas calcolíticas estremenhas decoradas (fig. 9). Sendo exclusivamente geométrica, a decoração é constituída por associação de dois campos preenchidos a reticulado, separados por espaço correspondente a um motivo enxaquetado constituído por quadrado subdividido em quatro triângulos preenchidos interiormente, pelo que, no conjunto, não possui paralelo em qualquer outra peça conhecida.

Existem ainda fragmentos limitados a uma das partes, que não permitem cabal percepção da organização dos motivos decorativos representados. Está neste caso o fragmento da Anta Sul de Vale de Gato (Coruche), fotografado sem escala (Gonçalves, 2011, fig. 3.8), cuja cabeça ostenta bandas preenchidas interiormente, semelhantes à observada num exemplar miniatural incompleto da Anta 1 da Herdade do Passo, n.º 6; fig. 12, n.º 1).

7. UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DOS «BÁCULOS» COM BASE NA ICONOGRAFIA

Identificados os principais motivos decorativos elementares, importa agora ver a forma como eles se articulam entre si, formando padrões mais ou menos complexos, o que conduziu à proposta de classificação iconográfica a seguir apresentada.

É evidente a nítida importância atribuída ao triângulo na decoração dos «báculos», sendo raríssimos aqueles que, de uma forma ou de outra, não o ostentam como é o caso de um dos báculos do Monte da Barca (fig. 7, n.º 9). Na verdade, o triângulo é igualmente muito comum na gramática decorativa das placas de xisto, sublinhando a já aludida proximidade entre os dois grupos de peças.

Tal evidência fora já assinalada por K. Lillios (2008, p. 135), assinalando que os «báculos» onde tais decorações são exclusivas ou quase exclusivas possuem uma distribuição geográfica distinta daqueles onde predominam as bandas longitudinais, cingindo-se estes a faixa mais estreita de território com orientação NW-SE, atingindo a Estremadura, representada pela placa da gruta da Casa da Moura (op. cit., fig. 4.15).

O aprofundamento desta realidade conduziu a proposta de classificação dos «báculos» quanto aos motivos decorativos, com base nos exemplares completos ou dos quais se conserva porção significativa:

Grupo 1 (fig. 10) — «Báculos» com presença exclusiva ou quase exclusiva de triângulos organizados em bandas longitudinais ou transversais: pertencem a este grupo nove exemplares representados na fig. 6, n.ºs 9, 10, 15, 16, 18, 19, 23, 24 e 26 do presente trabalho, bem como todos os exemplares reproduzidos na fig. 10. A estes exemplares junta-se o exemplar da Anta 2 da Loba (Évora) (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2005, fig. 25), um dos quatro exemplares de Monte da Barca (Coruche) (Vicente, Andrade e Dias, est. 12) e o exemplar da Anta da Herdade do Duque (Pina, 1961, fig. 9).

Grupo 2 (fig. 11) — «Báculos» possuindo barras longitudinais que percorrem boa parte ou mesmo a totalidade do comprimento das peças. Este motivo ocorre via de regra associado a «dentes de lobo» que acompanham o bordo exterior dos exemplares, mas podem existir exceções, como parece ser o caso do fragmento limitado a porção proximal do Monte da Barca (Gonçalves, 2011, fig. 3.3), aparentemente decorado exclusivamente por barras longitudinais paralelas.

É significativo o facto de os triângulos que definem aquela bordadura exterior, sob a forma de «dentes de lobo», só excepcionalmente serem também observados ao longo do bordo interno, como é o caso de um outro báculo do Monte da Barca (Coruche) (Vicente, Andrade e Dias, 1974, est. 13, n.º 1). O respetivo preenchimento interno é sempre executado da mesma forma, formando triângulos com o vértice voltado para o interior da peça, com exceção de um exemplar compulsado (fig. 6, n.º 17). Tal realidade não pode ser mera coincidência, conforme se pode verificar pelos exemplares reproduzidos

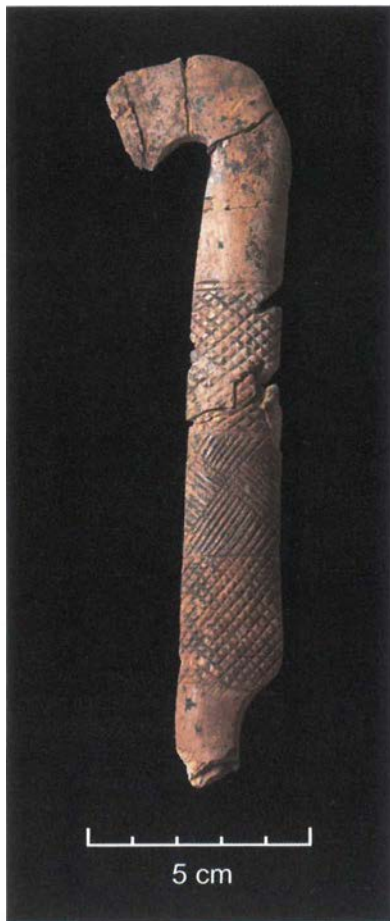


FIG. 9
«Báculo» de marfim do Monumento 2 dos Perdígões. Foto © Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdígões, Era Arqueologia.

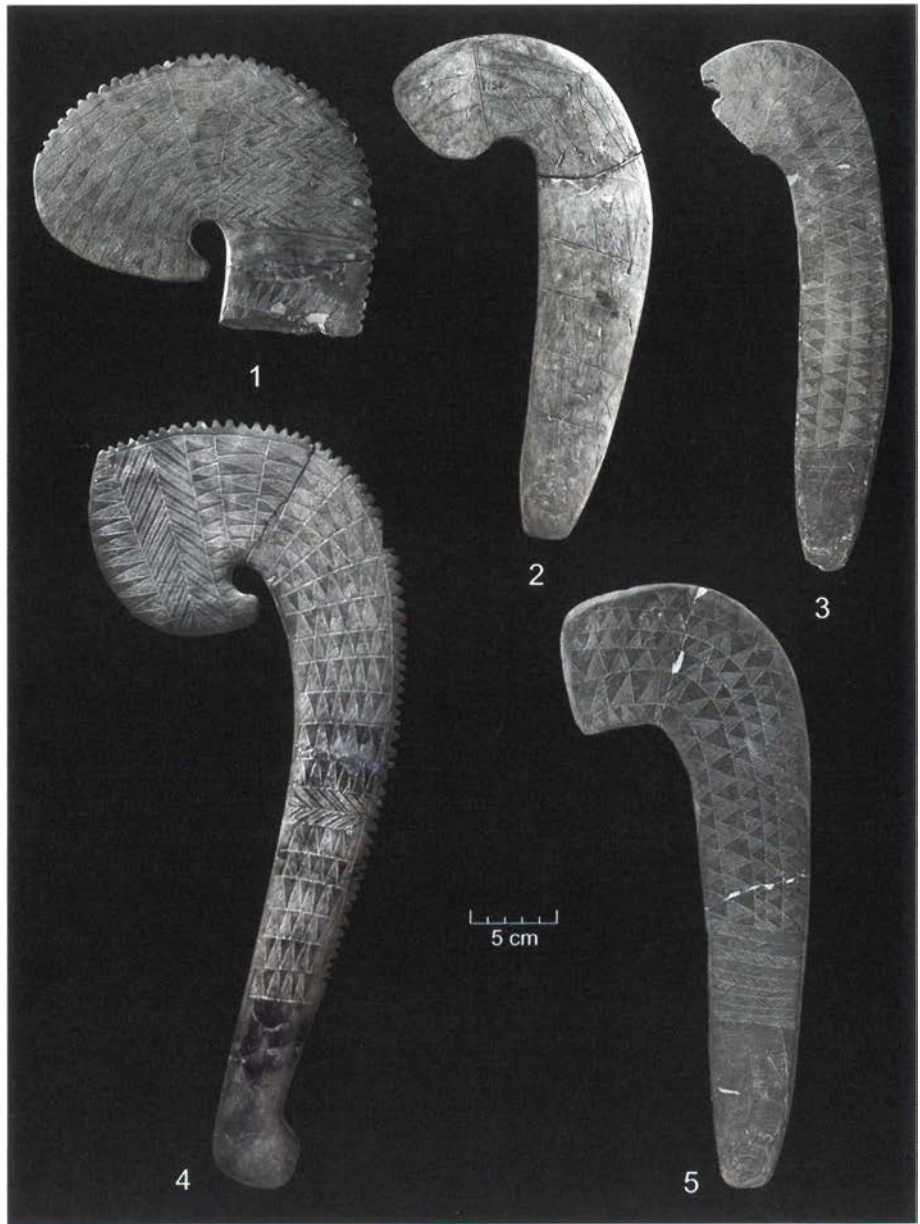
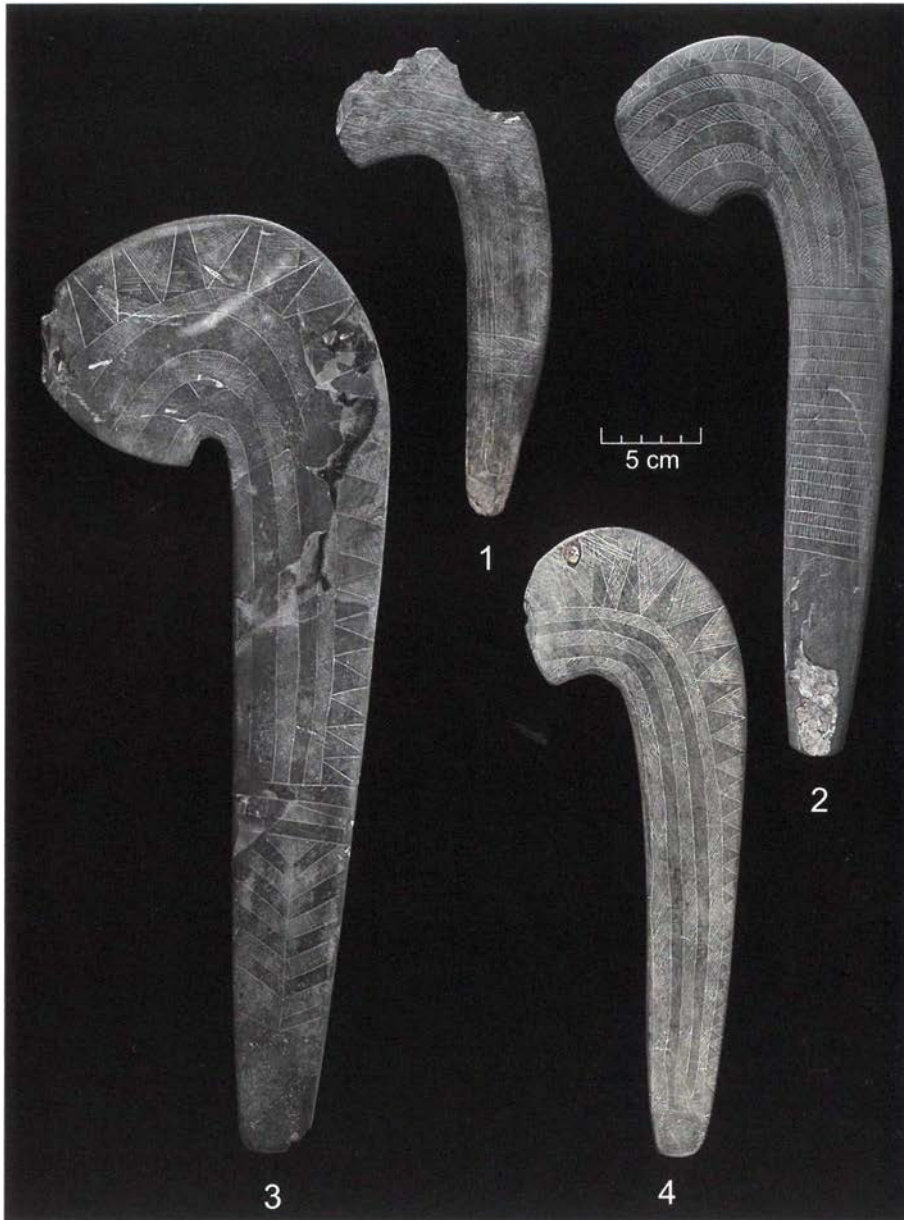


FIG. 10
«Báculos» decorados em uma das faces com a cabeça voltada à esquerda. Tipo 1. 1 – Anta a Oeste do Vale das Antas. (MNA, n.º inv. 2006.236.3) Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 2 – Martim Afonso. (MNA, n.º inv. 997.73.5). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 3 – Anta 4 dos Gualões. (MNA, n.º inv. 2006.19.5). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 4 – Anta 4 da Herdade das Antas. (MNA, n.º inv. 989.29.1) Foto © DGPC/ADF/A. Ventura; 5 – Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões. (MNA, n.º inv. 2006.19.4). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.

**FIG. 11**

«Báculos» decorados em uma das faces com a cabeça voltada à esquerda Tipo 2. 1 – Anta Grande do Olival da Pega. (MNA, n.º inv. 985.45.2). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 2 – Anta 2 da Lobeira de Baixo. (MNA, n.º inv. 989.28.1). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 3 – Anta 3 da Herdade das Antas. (MNA, n.º inv. 2004.181.1). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 4 – Anta 6 de Brissos. (MNA, n.º inv. 995.45.66). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.

na fig. 6, n.º 1, 3, 4, 8, 11, 13, 16, 22 e 25, bem como na fig. 11, devendo assim admitir-se a existência de um conjunto de regras canónicas sistematicamente adotadas no respeitante à decoração destas peças.

Grupo 3 (fig. 12) — «Báculos» decorados por «chevrons» ou espinhados. Apenas um dos exemplares do Monte da Barca (Coruche) se apresenta integralmente decorado por «chevrons», pautados por linhas transversais, com exceção do punho, que falta (Vicente, Andrade e Dias, 1974, fig. 13, n.º 2).

Os «chevrons» podem também desenvolver-se longitudinalmente ou transversalmente, sendo executados simplesmente a traço, pautados por guias igualmente a traço, que acompanham todo o comprimento dos escassos exemplares conhecidos, sendo neste caso designados por espinhados. É o caso de um dos exemplares da Anta Grande da Comenda da Igreja (fig. 6, n.º 14; fig. 12, n.º 3), e o do dólmen da Estria (fig. 2, n.º 6; fig. 8, n.º 2). A outra face deste «báculo» apresenta uma decoração híbrida: enquanto a sua metade distal exhibe decoração de espinhados a traço longitudinais, muito semelhante à

FIG. 12

«Báculos» decorados em uma das faces com a cabeça voltada à esquerda. Tipo 3. 1 – Anta 1 da Herdade do Passo. (MNA, n.º inv. 989.26.46).

Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 2 – Anta 1 da Herdade do Passo. (MNA, n.º inv. 989.26.47).

Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas; 3 – Anta Grande da Comenda da Igreja. (MNA, n.º inv. 985.51.88).

Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas;

4 – Anta Grande do Olival da Pega. (MNA, n.º inv. 985.45.3). Foto © DGPC/ADF/José Paulo Ruas.



do exemplar da Anta Grande da Comenda da Igreja, já a metade proximal é inteiramente ocupada por «zigzagues» transversais, que não possuem equivalente em nenhum outro báculo, embora estejam bem representados nas placas de xisto.

O carácter exótico desta associação decorativa encontra-se replicado em outro dos três «báculos» estremenhos, o da gruta da Casa da Moura. Com efeito, se uma das faces apresenta decoração canónica claramente identificada com o Grupo 2, já a outra face exhibe uma variedade de motivos decorativos cuja associação é igualmente única: desde os bem representados «dentes de lobo» marginais, típicos do Grupo 2, associam-se a triângulos na parte central da área decorada com diversas orientações a que se sucedem linhas em «zigzague» e barras curvilíneas, numa amálgama pouco coerente, que sobreleva o carácter particular das decorações dos báculos estremenhos.

Aos dois exemplares referidos soma-se o terceiro exemplar conhecido desta região, recolhido na Lapa da Galinha (Heleno, 1942, fig. 4 e 5) (fig. 7, n.º 8; fig. 8, n.º 3). Para além da forma, que é única, a de-

coração não tem também paralelo: ao contrário dos que ostentam usualmente a decoração exclusiva ou quase exclusiva de triângulos preenchidos interiormente, em que o vértice destes se encontra invariavelmente apontado para a extremidade distal, no presente exemplar a orientação dos triângulos é a oposta.

Deste modo, pode concluir-se que, tanto pela decoração, como pela particularidade de os três exemplares mais ocidentais se encontrarem decorados de ambos os lados, constituem grupo com significado regional próprio no conjunto dos «báculos» conhecidos.

8. «BÁCULOS» COM DECORAÇÕES INACABADAS

Trata-se de particularidade unicamente observada no exemplar da gruta da Casa da Moura (fig. 7, n.º 7; fig. 8, n.º 1), no qual uma das faces apresenta decoração com os particularismos acima referidos, mostrando-se claramente inacabada, pois muitos dos triângulos não foram preenchidos, o mesmo sucedendo a outras partes da composição. Esta evidência sugere que a peça teria sido importada para a gruta funerária onde foi depositada já acabada numa das faces no Alto Alentejo, onde ocorrem os restantes exemplares deste tipo, tendo sido decorada localmente na face oposta com os motivos não-canónicos acima referidos, que não chegaram a concluir-se, antes da sua deposição. Outra particularidade desta placa é a existência de três perfurações na base, cuja função já foi anteriormente discutida, e que constituem particularidade igualmente única, sublinhando o seu carácter excecional no conjunto deste tipo de objetos.

9. DIMENSÕES

Provavelmente, o maior «báculo» até hoje conhecido corresponde a exemplar recolhido na Anta Grande do Olival da Pega, do qual se conserva apenas a cabeça (Leisner e Leisner, 1951, p. 135, est. 36, n.º 2), não sendo deste modo possível avaliar o seu comprimento máximo, que deveria ultrapassar seguramente 50 cm (fig. 6, n.º 1). O de menores dimensões corresponde a tábua óssea recortada e lisa, com comprimento máximo de 4 cm, recolhido na gruta da Casa da Moura (Spindler, 1981, est. 23, n.º 358) (fig. 7, n.º 2).

10. «BÁCULOS» UTILIZADOS COMO PENDENTES

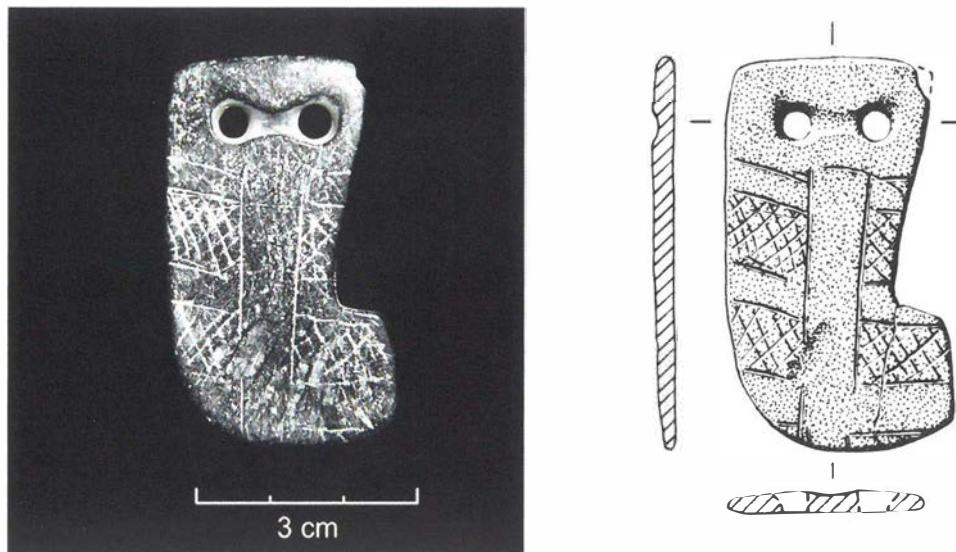
A presença de exemplares de xisto munidos de uma perfuração na extremidade proximal é comparável à dos pequenos machados votivos de fibrolite, que ocorrem desde o Neolítico antigo ao final do Calcolítico em diversas jazidas, tanto funerárias, como habitacionais do território português (Cardoso, 2019).

Neste caso, trata-se de pequenos «báculos» de xisto munidos de um furo na extremidade proximal, o que permite a sua utilização como pendente, conservando a carga simbólica do objeto original, tal qual se verifica nas pequenas enxós ou machados perfurados, que deteriam valor apotropaico comparável. Na hipótese de os «báculos» poderem corporizar a força vivificadora e regeneradora, os pequenos «báculos» deteriam naturalmente tais funções, de carácter apotropaico e protetor, no caso de serem utilizados como pendentes, como sugere a presença de furos numa das extremidades.

Os dois exemplares decorados recolhidos na Anta 1 da Herdade do Passo ostentam na extremidade proximal furo de suspensão tal como alguns pequenos machados votivos (fig. 6, n.º 5 e 6; fig. 12, n.º 1 e 2), assemelhando-se a cabeça lisa de um dos exemplares ao exemplar totalmente liso do jazigo de Alcarapinha (fig. 6, n.º 7) e ao da gruta do Correio-Mor (fig. 7, n.º 3). A iconografia destes dois exemplares decorados integra-se mal na identificada para os exemplares de maiores dimensões. Com efeito, em ambos, o corpo encontra-se decorado com triângulos preenchidos com o vértice apontado para a extremidade proximal, ao contrário do que é usual nas peças de maiores dimensões, em que o

FIG. 13

«Báculo» reaproveitado de placa de xisto. Lapa do Fumo. Museu Municipal de Arqueologia de Sesimbra. Foto © J. L. Cardoso; desenho de F. Martins.



vértice dos triângulos aponta para a «cabeça», a qual se apresenta lisa em um deles (fig. 6, n.º 5), e no outro, ainda que incompleta, parece ter sido ocupada por bandas paralelas (fig. 6, n.º 6; fig. 12, n.º 1). Tais diferenças sublinham o particularismo destes exemplares, aliás explicado pelo tamanho e pelas funções a eles inerentes, ainda que também sempre associados a ambientes funerários.

A par dos pequenos báculos acima referidos, que se podem interpretar como pendentes, existe um exemplar de maiores dimensões da sepultura de El Pozuelo (Huelva) (Leisner e Leisner, 1959, tf. 48, 3), com cerca de 18 cm de comprimento, também munido de um furo na referida extremidade, o qual pode ter sido assim também utilizado (fig. 7, n.º 4).

11. «BÁCULOS» REAPROVEITADOS DE PLACAS DE XISTO

Exemplar recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra) (Cardoso e Vilaça, 2002, fig. 3, em cima) representa esta categoria de «báculos». Trata-se de peça que resultou do reaproveitamento de placa de xisto, como indica claramente a decoração interrompida que ostenta (fig. 13). É provável que o contorno do fragmento, com a forma, algo tosca, de «báculo», se tenha adaptado à cabeça de uma placa com as duas perfurações muito próximas, originalmente possuindo eixo de simetria vertical representado pelo «nariz», como se observa em duas placas de Alcarapinha (Leisner e Leisner, 1951, fig. 2, e Leisner e Leisner, 1959, tf. 11, n.º 9). Trata-se, assim, de um exemplar particularmente interessante, reforçando a estreita correlação existente entre placas de xisto e «báculos».

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio abordou o estudo dos exemplares líticos, de marfim e de osso, de contorno recortado, usualmente designados por «báculos». Deste modo, as representações rupestres, tanto as gravuras como as pinturas, foram apenas consideradas no quadro comparativo com a temática central do estudo, sendo certo que todas elas fazem seguramente parte do universo cognitivo das populações agropastoris que, no Neolítico final e no Calcolítico, habitaram a Estremadura e o Sul do território português. Às aludidas representações podem ainda juntar-se as patentes em vasos de carena baixa, recolhidos em dólmenes do Alto Alentejo. Nuns casos, a referência ao «báculo» é feita por impressões punctiformes feitas com matriz na pasta fresca, como um exemplar da Anta a Oeste da estrada de Montemor (Gonçalves, 2011, fig. 3.9); noutros casos, muito mais expressivos, é efetuada em baixo-relevo, modelada em argila, constituindo duas representações simétricas voltadas para lados

opostos, como se observa no exemplar recolhido na Anta do Chapelar, no limite entre os concelhos de Montemor-o-Novo e Coruche (Gonçalves, 2011, fig. 3.9, em baixo); e em outros dois vasos carenados provenientes respetivamente da Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo) (Leisner e Leisner, 1959, tf. 26, n.º 36) e da Anta 7 da Caeira (Arraiolos) (op. cit., tf. 30, n.º 14) (fig. 14). A alusão ao «báculo» pode relacionar-se com o uso cerimonial e funerário deste tipo de recipientes.

Ao longo deste ensaio delinearam-se diversas interpretações que, no decorrer dos últimos 140 anos, foram sendo apresentadas acerca destes ainda hoje enigmáticos objetos designados por «báculos», devido à semelhança formal com as peças que hoje são assim chamadas.

Do exposto, destacam-se as seguintes considerações, cuja apresentação crítica conclui o presente ensaio:

1 — Os «báculos» insculturados, pintados ou em contorno recortado constituem representação associada à vida, sempre reafirmada, como se pode concluir da notável associação observada em petróglifo da estação de arte rupestre do Tejo de São Simão (Nisa), observando-se o Sol, de onde irradiam raios em todas as direções, sob a forma de «báculos»; essa realidade assume outras representações, também elas de extraordinária expressividade, como é o caso da observada na parte superior do menir 57 do cromeleque dos Almendres (Évora), onde a superfície da rocha se encontra totalmente ocupada por «báculos» (Gomes, 1994, fig. 15), recordando a célebre cabeceira do dólmen da Table des Marchands (Locmariaquer, Bretanha) (Péquart, Péquart e Le Rouzic, 1927, pl. 39, 40) (fig. 15). Na arte megalítica bretã, é importante assinalar que «báculos» e representações de machados encabados convivem lado a lado, sugerindo a coexistência de dois artefactos distintos. A mesma situação se pode observar no território peninsular, como a estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz), para além de raras representações de machados, como a que se observa num peso de tear de barro do povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral).

2 — A conotação do «báculo» com a vida é compatível com a sua presença sob a forma de elementos líticos de xisto em contextos exclusivamente funerários. Tais ocorrências têm sido usualmente explicadas ao admitir-se que representem a réplica votiva de um artefacto original de madeira, símbolo da autoridade, ou do poder espiritual, ou de ambos, sendo assim utilizado apenas por escassos elementos das comunidades, o que explicaria a sua raridade relativamente às placas de xisto. No entanto, esta interpretação tem um senão, dado que, se assim fosse, seria de esperar encontrar nalgumas gravuras ou pinturas rupestres, de natureza semi-naturalista a semi-esquemática, a associação de báculos às personagens que em vida os empunhariam, o que não se verifica. Por outro lado, as exuberantes representações rupestres de «báculos», como as acima referidas, apontam para objeto que valia por si

FIG. 14

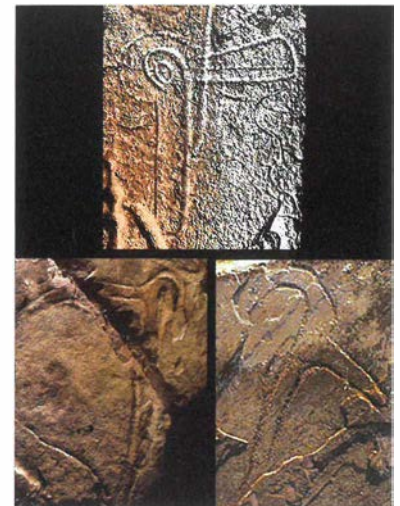
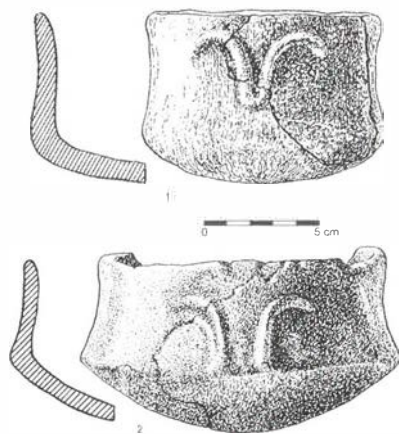
Recipientes com representação em baixo-relevo de báculos. 1 — Anta Grande da Comenda da Igreja. (MNA, n.º inv. 985.51.784) (Leisner e Leisner, 1959, tf. 26, n.º 36); 2 — Anta 7 da Herdade da Caeira. (MNA, n.º inv. 995.6.39) (Leisner e Leisner, 1959, tf. 30, 1).

FIG. 15

Menir 57 do Cromeleque dos Almendres (Gomes, 1994, fig. 11).

FIG. 16

Machados insculturados em esteios de dólmenes ibéricos, correspondendo formalmente os cabos a representações de báculos. 1 — Dólmen de Soto; 2 — Dólmen de Alberite II (Barroso-Bermejo, 2021, fig. 5.3, modificado).



mesmo, por estar agregado a um conceito imaterial, com o qual era univocamente identificado por toda a comunidade. Assim sendo, a ideia de estas peças votivas reproduzirem protótipo usado pelos vivos deixaria de fazer sentido; seriam símbolos da vida, realidade que bem se coaduna com a sua exclusiva associação funerária. Tal é também o caso das placas de xisto, associadas sempre ao mundo funerário, pelo que não teriam equivalente em qualquer artefacto do «mundo dos vivos». Prova disso é a importância de fragmentos de placas de xisto reaproveitadas que ocorrem em povoados tanto da Estremadura como do Sudoeste, as quais continuaram assim a manter importante carga simbólica, relacionada provavelmente com o culto dos antepassados a que primitivamente tais objetos estavam ligados. É interessante observar a este propósito que um desses reaproveitamentos resultou em pequeno báculo, conservando os furos de suspensão da placa de xisto original, recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra).

3 — A conotação dos «báculos» com o culto do machado foi hipótese apresentada pela primeira vez por Joseph Déchelette, que admitiu que representassem o cabo do machado com evidentes analogias ao cabo das enxós votivas de calcário, de época calcolítica, exclusivas da Estremadura portuguesa. Deste modo, o «báculo» poderia ser entendido como representação equivalente, mas mais antiga, executada em xisto, o que não permitia o talhe tridimensional do calcário. Manuel Heleno, com base no exemplar recolhido na Lapa da Galinha, admitiu que aquela hipótese estaria comprovada, dada a estreita semelhança entre aquele exemplar e o contorno do machado, a qual teve na sua época apreciação positiva, com destaque para Georg e Vera Leisner, e continuadores como O. da Veiga Ferreira (1985). Esta hipótese ganha agora credibilidade acrescida, pelo facto de ambas as representações sob a forma de insculpturas rupestres coexistirem no tempo e frequentemente nos mesmos monumentos megalíticos, possuindo muitas das insculpturas de machados presentes nos esteios dos dólmenes bretões e peninsulares, com a parte terminal do cabo revirado para trás, evidentes analogias com «báculos».

4 — Entretanto, surgiu proposta de conotação dos «báculos» com arma ofensiva apresentada em 1981 por O. da Veiga Ferreira e Manuel Leitão e ulteriormente valorizada por Dirk Brandherm (1995). A parte útil da peça não seria o bordo lateral da extremidade distal, como no caso de ser associada à representação funcional do machado, mas sim o seu bordo externo. Tratava-se assim de um machete, ideia reforçada pela existência de dois exemplares possuírem a todo o comprimento do bordo externo decoração denteada de triângulos que representariam as lâminas de sílex encastoadas nos suportes de madeira originais. Esta hipótese explicaria o facto de um daqueles exemplares, o mais notável dos até hoje recolhidos, oriundo da Anta 4 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo), possuir um remate no punho cuja orientação é condizente com tal interpretação funcional. Por outro lado, o exemplar da Anta Grande da Lobeira de Baixo, de acordo com Manuel Heleno, foi encontrado sobre o esterno do inumado, o que explicaria a razão de todos os exemplares (com exceção dos recolhidos na Estremadura) se apresentarem decorados apenas de um lado, tal como se verifica com a generalidade das placas de xisto. E, tendo presente a hipótese de estas peças serem empunhadas na mão direita do inumado, por forma a permitir que a face decorada ficasse sempre visível, o bordo útil corresponderia forçosamente ao bordo longitudinal convexo e não à respetiva cabeça, sendo, pois, compatível com a interpretação funcional em causa mas não com a de machado. Assim sendo, tratando-se de arma de grande eficácia, à qual estaria inerente prestígio e poder, a mesma só poderia ser empunhada por alguns, o que explicaria a sua raridade, relativamente às placas de xisto, no conjunto dos inumados pertencentes às comunidades tumuladas nas sepulturas coletivas.

5 — No que se refere às características formais, são evidentes as continuidades observadas na relação entre a forma e a iconografia: todos os «báculos» possuem a face decorada com a cabeça voltada sempre para a esquerda, o que sem dúvida decorre da forma como eram empunhados, na mão direita dos inumados; esta conclusão reforça a hipótese de corresponderem a reprodução de um machete, arma ofensiva de grande eficácia, cujo gume é coincidente com a posição do bordo convexo dos exemplares relativamente à forma como eram empunhados pelos inumados.

6 — Apenas três exemplares possuem ambas as faces decoradas — os «báculos» da Lapa da Galinha (Alcanena), da gruta da Casa da Moura (Óbidos) e do dólmen da Estria (Sintra). O evidente

regionalismo desta característica é acompanhado pela existência de um grupo particular de placas de xisto, com distribuição geográfica semelhante (Cardoso et. al., 2019), possuindo decoração específica e igualmente estendida a ambas as faces. As decorações apresentadas pelos três «báculos» referidos possuem particularismos evidentes, o que sugere tratar-se de interpretações de cunho regional mais ou menos marcado, talvez realizadas sobre suportes por decorar importados do Alentejo. Esta hipótese é matizada pela realidade observada no «báculo» da gruta da Casa da Moura: neste, enquanto uma das faces ostenta decoração canónica, comum a alguns báculos alentejanos, tudo indicando ter sido dali importado já decorado, a outra possui uma organização decorativa exótica e claramente inacabada, tudo indicando ter sido feita localmente.

7 — A regularidade observada anteriormente na seleção da face decorada encontra-se sublinhada também pela organização dos motivos decorativos elementares organizados em padrões regular e repetidamente observados. Foi assim possível confirmar a existência de dois grupos bem definidos, identificados por Katina Lillios (2008), nos quais se integram a quase totalidade dos báculos existentes. Um terceiro grupo integra os escassos exemplares cujas decorações não se enquadram nos dois anteriores. Entre estes encontra-se o único exemplar seguramente calcolítico, recolhido no sepulcro 1 do recinto dos Perdigões, de marfim, cujas decorações geométricas se assemelham aos padrões decorativos das cerâmicas calcolíticas estremenhas, sendo totalmente distinto dos exibidos nos báculos de xisto, de cronologia anterior.

São ainda de considerar os «báculos lisos», destacando-se o exemplar de xisto totalmente polido, proveniente da Anta Grande do Olival de Pega, possuindo assinalável semelhança com o machado votivo do tipo «bipene» de evidente inspiração oriental, recolhido numa das grutas da Senhora da Luz; a este junta-se um outro, incompleto, totalmente polido e com bordo externo saliente, proveniente da gruta do Correio-Mor. Ambos são de dimensões claramente inferiores aos báculos decorados. Com a função de amuletos, com furo de suspensão, identificaram-se também dois exemplares totalmente lisos sendo utilizados como peças de natureza apotropaica, tal qual a miniatura perfurada de machado ou enxó de fibrolite do povoado do Neolítico final do Carrascal (Oeiras) (Cardoso, 2011, p. 50).

8 — Tendo presente a distribuição geográfica dos «báculos» líticos, a conclusão a tirar é a de que ocorrem em domínio geográfico muito mais circunscrito que os seus homólogos rupestres, pois apenas se conhecem duas ocorrências em Espanha, ambos oriundos de sepulturas coletivas, um de El Pozuelo (Huelva), correspondente a pendente liso, e outro de Los Millares 17, também liso, e aparentemente inacabado, correspondente ao segundo exemplar seguramente calcolítico conhecido, para além do exemplar de marfim proveniente dos Perdigões acima referido. Trata-se, efetivamente, de uma produção claramente associada ao megalitismo do ocidente peninsular, tal como acontece com a esmagadora maioria das placas de xisto decoradas. As escassas peças conhecidas na Estremadura portuguesa podem explicar-se por permutas comerciais de matérias-primas, designadamente o sílex da Estremadura pelos anfibólitos alto-alentejanos e, mais tarde, pelo cobre (Cardoso, 2019), as quais conduziram a breve trecho à adoção de práticas culturais por osmose, entre aquelas duas regiões, que explicam a presença de alguns (escassos) «báculos» na primeira daquelas regiões, acompanhados de um maior número de placas de xisto decoradas.

QUADRO 1:

Inventário dos «báculos» registados no território português (43 exemplares) e no território espanhol (2 exemplares)

N.º	Sítio	Báculos	Figura
1	Lapa da Galinha (Vila Moreira, Alcanena)	1	7 — n.º 8; 8 — n.º 3
2	Casa da Moura (Cesareda, Óbidos)	1	7 — n.º 7; 8 — n.º 1
3	Anta do Couto dos Enxares (Gáfete, Crato)	1	—
4	Anta do Alcogulo 3 (Milhar do Cabeço, Portalegre)	1	6 — n.º 10
5	Anta da Marquesa (Marvão, Portalegre)	1	6 — n.º 26
6	Cova da Moura (Torres Vedras)	1	7 — n.º 2
7	Martim Afonso (Salvaterra, Santarém)	1	6 — n.º 15; 10 — n.º 2
8	Gruta do Correio-Mor (Loures)	1	7 — n.º 3
9	Anta da Estria (Sintra)	1	7 — n.º 6; 8 — n.º 2
10	Monte da Barca (Coruche)	3	7 — n.º 9
11	Lobeira de Baixo 3 (Montemor-o-Novo, Évora)	1	6 — n.º 22; 11 — n.º 2
12	Anta Sul de Vale de Gato (Ciborro, Coruche)	1	—
13	Anta B do Passo ou Anta a Oeste do Vale das Antas (Montemor-o-Novo)	1	10 — n.º 1
14	Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo)	4	6 — n.ºs 11, 12, 13, 14; 12 — n.º 3
15	Anta da Velada (Montemor-o-Novo, Évora)	1	6 — n.º 9
16	Brissos 6 (Mora, Évora)	1	6 — n.º 25; 11 — n.º 4
17	Caeira 7 (Arraiolos, Évora)	1	6 — n.º 21
18	Anta 1 ou Anta 4 dos Galões ou Golões 1 (Arraiolos, Évora)	1	6 — n.º 24; 10 — n.º 5
19	Anta 4 dos Galões ou Gualões (Arraiolos, Évora)	1	10 — n.º 3
20	Anta 3 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo, Évora)	2	6 — n.º 23; 10 — n.º 4; 11 — n.º 3
21	Boudanha (Monforte, Portalegre)	1	6 — n.º 18
22	Horta Velha do Reguengo (Elvas, Portalegre)	1	6 — n.º 19
23	Jazigo de Alcarapinha (Elvas, Portalegre)	1	6 — n.º 7
24	Lapa do Fumo (Sesimbra)	1	13
25	Vale de Rodrigo (Évora)	2	6 — n.ºs 16, 17
26	Anta 2 da Loba (Évora)	1	—
27	Perdigões (Reguengos de Monsaraz)	1	9
28	Anta da Herdade do Duque (Corval, Reguengos de Monsaraz)	1	—
29	Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz, Évora)	3	6 — n.ºs 1, 2, 3; 11 — n.º 1; 12 — n.º 4
30	Comenda 2 e <i>tholos</i> da Comenda (Reguengos de Monsaraz)	1	6 — n.º 20
31	Cebolinho 1 (Reguengos de Monsaraz, Évora)	1	6 — n.º 8
32	Anta 1 do Passo (Reguengos de Monsaraz, Évora)	3	6 — n.ºs 4, 5, 6; 12 — n.ºs 1, 2
33	El Pozuelo 3 (Huelva, Espanha)	1	7 — n.º 4
34	Los Millares (Almería, Espanha)	1	7 — n.º 5

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Doutora Primitiva Bueno Ramírez e ao Dr. António Carvalho, que estiveram na origem deste texto, agradecendo também à primeira o rápido envio de informação bibliográfica importante e ao segundo o pronto acolhimento do meu pedido para a disponibilização de imagens de exemplares cuja apresentação se verificou ser indispensável, magnificamente fotografados por José Paulo Ruas, a quem também se agradece. À Luísa Guerreiro, do setor de coleções do Museu Nacional de Arqueologia, pelas importantes informações prestadas. A Bernardo L. Ferreira, pela preciosa ajuda na preparação das estampas que ilustram este ensaio. E ao Doutor António Valera pela cedência da fig. 9. Para todos o meu reconhecimento.

BIBLIOGRAFIA

- ÅBERG, N. (1921) — *La civilization énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Uppsala: A.-B. Akademiska Okhandeln.
- BARROSO-BERMEJO, R.; BUENO-RAMÍREZ, P.; BALBÍN-BEHRMANN, R. (2021) — Megaliths and weapon representations: a view of the birth of Iberian warrior images. In BETTENCOURT, A. M. S.; SANTOS-ESTÈVEZ, M.; SAMPAIO, H. A. — *Weapons and Tools in Rock Art a Word Perspective*. Oxford; Philadelphia: Oxbow books, p. 87-102.
- BELO, A. R.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da V. (1961) — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 391-418.
- BRANDHERM, D. (1995) — Os chamados «báculos» — para uma interpretação simbólico-funcional. *Congresso de Arqueologia Peninsular*, 1, Porto, 1993. Actas. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. vol. 1, p. 89-94.
- BREUIL, H. (1935) — *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*. Lagny-sur-Marne: Imprimerie de Lagny. vol. 4 — Sud-Est et Est de l'Espagne.
- CARDOSO, J. L. (2003) — A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2016) — Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação. In *Terra e água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. p. 69-80.
- CARDOSO, J. L. (2019) — Outeiro Redondo — Sesimbra — escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2020) — A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 123-242.
- CARDOSO J. L.; CARREIRA, J. R. (2003) — O povoado calcítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L.; VILAÇA, R. (2020) — Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra-Barbarion*. Sesimbra. 4, p. 13-30.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da V.; CARREIRA, J. R. (1996) — O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L. MEDEIROS, S.; MARTINS, F. (2018) — 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, p. 57-69.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1996) — Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (2001/2002) — A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, (1886) — *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.

- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L.; MARTINS, A. C. (2008) — *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Editorial Verbo.
- CORREIA, A. A. Mendes (1928) — Nouveaux documents sur l'art préhistorique en Portugal. *Revue Anthropologique*. Paris. 4/6, p. 169-176.
- CORREIA, V. (1921) — *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales; Junta de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. (Memoria; 21).
- COSTA, F. A. P. da (1865) — *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DÉCHELETTE, J. (1919) — Essai sur la chronologie préhistorique de la Péninsule Ibérique. *Revue Archéologique*. Paris. Separata.
- FERREIRA, O. da V. (1985) — Acerca dos enigmáticos «báculos» da cultura megalítica do Alto Alentejo. *Arqueologia*. Porto. 12, p. 86-93.
- FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M. (1981) — *Portugal pré-histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- GOMES, M. V. (1994) — Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português — trabalhos recentes estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (2003) — *Cromeleque dos Almendres — um monumento sócio-religioso neolítico*. Relatório policopiado apresentado no âmbito das provas públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (2011) — *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. (Cadernos da Uniarq; 7).
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) — Estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. Coruña. 10, p. 235-254.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005) — As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (N. Sr.ª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 5-54.
- HELENO, M. (1933) — *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chá (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1942) — O culto do machado no Calcolítico português. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 461-464.
- ISIDORO, A. F. (1966) — Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20:1/2, p. 29-57.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1943) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter. (Römisch-Germanische Forschungen; 17).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) — *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. (Madrider Forschungen; 1/2).
- LILLIOS, K. (2008) — *Heraldry for the Dead*. Austin: University of Texas Press.
- MORGAN, J. de (1926) — *La Préhistoire orientale*. Paris: Paul Geuthner. vol. 2.
- OCTOBON, Commandant (1931) — Statues-menhirs, stèles gravées dalles sculptées. *Revue Anthropologique*. Paris. 10/12. Separata.
- PÉQUART, M.; PÉQUART, S.-J. ; Le ROUZIC, Z. (1927) — *Corpus des signes graves des monuments mégalithiques du Morbihan*. Paris: Picard.
- PINA, H. L. (1961) — A anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71:1/2, p. 13-26.
- RIBEIRO, C. (1880) — *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II — Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

- SÁ, M. C. M. (1959) — A Lapa da Galinha. In *Congresso Nacional de Arqueologia*, 1, Lisboa, 1958. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 117-128.
- SIMÕES, A. F. (1878) — *Introdução à archeologia de Península Iberica*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- SIRET, L. (1913) — *Questions de chronologie et d'ethnologie ibériques*. Paris: Paul Geuthner. tome 1.
- SPINDLER, K. (1981) — *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern. (Madriider Beiträge; 7).
- VALERA, A. C. (2015) — The Diversity of Ideotechnic Objects at Perdigões Enclosure: A First Inventory of Items and Problems. *ARPI*. Alcalá de Henares. 3 Extra. p. 238-256. Homenaje Rodrigo de Balbín-Behrmann.
- VALERA, A. C. (2020) — Interação e recursos exóticos na Pré-História recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal. In VILAÇA, R.; AGUIAR, R. S., coord. — *(I)mobilidades, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- VASCONCELOS, J. L. de (1885) — *Portugal Pre-Histórico*. Lisboa: David Corazzi. (Biblioteca do Povo e das Escolas; 106).
- VASCONCELOS, J. L. de (1897) — *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. 1.
- VASCONCELOS, J. L. de (1906) — Bibliographia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 11, p. 321-379.
- VASCONCELOS, J. L. de (1922) — Encabamento de instrumentos de pedra pré-históricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1, 25, p. 288-298.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1887) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VICENTE, E. P.; ANDRADE, G. M.; DIAS, V. M. R. (1974) — Uma jazida pré-histórica no vale do Sorraia. In *Congresso Nacional de Arqueologia*, 3, Porto, 1973. Actas. Porto: Junta Nacional da Educação, 1, p. 191-104.



PATRIMÓNIO CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



MARQ
MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE



MUSEO ARQUEOLÓGICO REGIONAL



PARCEIRO EDITORIAL:

N IMPRENSA NACIONAL

MECENAS INSTITUCIONAL:

LUSITANIA
SEGUROS

APOIOS:

FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ferrovial
serviços

El Corte Inglés

Vila Galé
HOTELS

